

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LUANA VASCONCELLOS PEREIRA

**ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: UMA CONTRIBUIÇÃO
PARA COMPREENDER O ACESSO E A PERMANÊNCIA NA UFRGS**

PORTO ALEGRE

2018

LUANA VASCONCELLOS PEREIRA

**ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: UMA CONTRIBUIÇÃO
PARA COMPREENDER O ACESSO E A PERMANÊNCIA NA UFRGS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Denise Maria Comerlato

PORTO ALEGRE

2018

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar não poderia deixar de agradecer à minha mãe, Maria Cristina, que eu amo muito, que sempre se esforçou ao máximo para me dar do melhor e foi quem me permitiu concluir a graduação sem encontrar muitas dificuldades. Obrigada por todo o amor e apoio de todos esses anos!

Gostaria de agradecer também ao meu irmão, Yuri, que sempre foi muito participativo na minha vida, sendo o melhor irmão do mundo e meu exemplo para várias coisas. Junto a ele, agradeço à minha cunhada, Bárbara, que sempre foi muito parceira e por ser professora, foi alguém com quem tive boas conversas sobre a docência. Agradeço aos dois, principalmente, por terem me dado um dos melhores presentes da vida: minha sobrinha e afilhada Cecília!

Acredito que uma graduação (e a vida!) não se mantenha sem ter com quem compartilhar. Por isso, agradeço imensamente às “Biogatas” (Ana, Bibi, Duda, Malu, Manu, Rafa Goi e Rafa Marchioretto) que foram as primeiras amigas feitas na universidade e que se mantêm até hoje firme e forte; ao meu “Kit de Ferramentas”, composto pela Bruna, Mark, Pedro Pezzi e Sté, que surgiu esse ano, sempre me divertindo e apoiando muito, tendo sido essencial nesses últimos meses; à Camila, que também entrou com tudo na minha vida esse ano, como colega, mas se tornou uma das amigas mais próximas e importantes para mim; e ao Pedro Mapelli, que se fez presente em quase toda a graduação, compartilhando momentos de alegrias e tristezas, sempre com seu jeitinho meigo e abusado, me fazendo rir. Então, obrigada amigas e amigos por todos os momentos compartilhados nesses anos, como as horas de estudos, as angústias, os estresses do dia a dia, que é isso que fortalece uma amizade, mas principalmente, às felicidades vividas juntas (que não foram poucas!), como as conversas, risadas, viagens, festas e claro, a todas as cervejinhas tomadas juntos!

Meu muito obrigada também a todos e todas colegas da Bio, que mesmo não tão próximos, fizeram parte dessa minha trajetória. Um especial para todos(as) que aceitaram participar da pesquisa, respondendo ao questionário e muito contribuindo para o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço ao PEAC como espaço, mas também a todos os meus alunos e alunas e às experiências vividas por mim lá esse ano. Com certeza mudou a minha vida e, talvez sem ele, esse trabalho nem existisse.

À minha orientadora, Denise, que mesmo sem me conhecer aceitou participar desse trabalho e o fez muito bem, sempre me procurando e mostrando interesse!

Um obrigada também às duas professoras da banca, Helô, que foi muito importante no meu processo inicial de formação docente, e Maria Cecília, que é uma figura importante na luta pelo novo currículo da Bio e no PIBID.

Por fim, mas não menos importante, um agradecimento à professora Russel, que sempre carinhosa, também foi muito especial na minha caminhada na licenciatura e teve um papel importante na minha escolha de tema para o TCC.

RESUMO

Dadas as desigualdades presentes na educação básica entre as escolas públicas e privadas e a forma como são feitos os processos seletivos, através de provas de vestibulares, o acesso às universidades se torna difícil e restrito a uma pequena parcela da população. Medidas como cotas e cursos pré-vestibulares populares vêm se destacando ao tomarem a frente no processo de democratização do ensino superior. Conquistada a tão sonhada vaga em uma faculdade é preciso se manter lá dentro e, para isso, deve haver investimentos e apoio dessas instituições para garantir a permanência de seus estudantes. Assim, este trabalho teve como objetivo geral analisar o ingresso e a permanência de estudantes do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A pesquisa foi feita, a partir de questionários e entrevistas, com estudantes do Curso, utilizando uma metodologia de cunho quali-quantitativo. Com a análise dos resultados obtidos, fundamentada em Grisa (2013), Pereira (2013), Zago (2008), entre outros, ficou claro que houve avanços nos últimos anos quanto à diversificação de público que está ingressando nesse espaço de educação, principalmente pelo aumento de reservas de vagas para estudantes oriundos da escola pública, que contempla também as categorias de baixa renda e racial. Porém, a UFRGS ainda é predominantemente composta por estudantes brancos de classe média. No curso de Biologia em questão, com esse trabalho viu-se que existem muitos fatores, como uma excessiva carga horária, as aulas em diferentes campi e a forma como são trabalhados os conteúdos pelos professores, que contribuem para a desmotivação e a dificuldade de realizar a faculdade. Quanto às políticas de permanência, a Universidade oferece auxílios para estudantes que comprovam carência financeira, como alimentação e transporte, contudo, esses não se mostram suficientes para grande parte destes. Deve, portanto, haver maiores investimentos na área de assistência estudantil, já que em muitos casos os auxílios recebidos não condizem com a realidade dos alunos e alunas. Concluiu-se então, que para as universidades se tornarem lugares diversos e democráticos de fato, é preciso ainda lutar por classes populares, pois para além do apoio econômico, também se colocam como necessárias mudanças curriculares e pedagógicas, capazes de acolher e atender os grupos sociais e culturais minoritários que conseguiram, a partir dos últimos anos, ter acesso ao ensino superior.

Palavras-chave: classes populares, cotas, democratização, ensino superior, permanência

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. METODOLOGIA	13
3. RESULTADOS	16
3.1. Turma 1: Anatomia Vegetal (2º semestre).....	16
3.2. Turma 2: Sistemática Vegetal III (4º semestre).....	21
3.3. Turma 3: Zoologia de Chordata I (4º semestre).....	25
3.4. Turma 4: Evolução Biológica (6º semestre).....	27
3.5. Turma 5: Paleontologia Aplicada à Biologia (6º semestre).....	30
4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
7. ANEXOS	55
7.1. ANEXO 1 – Currículo atual do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da UFRGS.....	55
7.2. ANEXO 2 – Questionário aplicado nas turmas.....	57
7.3. ANEXO 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue junto ao questionário.....	61
7.4. ANEXO 4 - Transcrição das entrevistas realizadas com alguns estudantes	62
7.4.1. Entrevista 1.....	62
7.4.2. Entrevista 2.....	66
7.4.3. Entrevista 3.....	68
7.4.4. Entrevista 4.....	71
7.5. ANEXO 5 -Transcrição das respostas dos estudantes quanto às suas motivações e dificuldades para cursar Ciências Biológicas.....	74
7.5.1.Respostas dadas pelos estudantes de Anatomia Vegetal quanto às suas motivações.....	74
7.5.2.Respostas dadas pelos estudantes de Anatomia Vegetal quanto às suas dificuldades.....	75
7.5.3.Respostas dadas pelos estudantes de Sistemática Vegetal III quanto às suas motivações.....	75
7.5.4.Respostas dadas pelos estudantes de Sistemática Vegetal III quanto às suas dificuldades.....	76
7.5.5.Respostas dadas pelos estudantes de Zoologia de Chordata I quanto às suas motivações.....	78
7.5.6.Respostas dadas pelos estudantes de Zoologia de Chordata I quanto às suas dificuldades.....	78
7.5.7.Respostas dadas pelos estudantes de Evolução Biológica quanto às suas motivações.....	79
7.5.8.Respostas dadas pelos estudantes de Evolução Biológica quanto às suas dificuldades.....	79
7.5.9.Respostas dadas pelos estudantes de Paleontologia Aplicada à Biologia quanto às suas motivações.....	80
7.5.10.Respostas dadas pelos estudantes de Paleontologia Aplicada à Biologia quanto às suas dificuldades.....	80

1 INTRODUÇÃO

Para Leandro Rossa (1988, *apud* KIMIECIKI, 2013, pág. 147) “a educação é o caminho mais viável para o desenvolvimento do ímpeto criador de formas de libertação do ser humano, uma busca de interpretação da história do pequeno, do pobre, do oprimido, do vencido, numa percepção de que a transformação social só é possível a partir da força libertária dos oprimidos”. Assim, para além da Educação Básica, o ensino superior também se torna uma fonte de emancipação intelectual e social de classes menos favorecidas.

WranaPanizzi (2004) defende que a formação universitária não é apenas instrumento de mobilidade social no plano individual. Isso porque o estudante diplomado não é o único beneficiário desse saber, já que se reconhece o papel estratégico da educação e do conhecimento para o desenvolvimento das nações. Nesses espaços acadêmicos é possível produzir ciência, tecnologia, arte, cultura, identidade, riqueza material e valores, atingindo a maior parte da sociedade. Desse modo, era de se esperar que o acesso à essa formação fosse incentivado e facilitado para todos. Contudo, no Brasil, um país extenso e marcado por desigualdades sociais, uma grande parcela mais pobre da população não tem acesso à diversos bens e serviços. Nesse contexto, as universidades públicas, por serem gratuitas, se tornam a única possibilidade de acesso à educação superior a milhares de brasileiros.

Porém, chegar às essas instituições muitas vezes não é fácil, principalmente para esses grupos sociais menos favorecidos. Nos dias de hoje, no Rio Grande do Sul, a realidade de estudantes jovens entre 18 e 24 anos que entram no Ensino Superior não chega aos 20% (SEMESP, 2015), sendo menor ainda a taxa de ingressantes na modalidade pública desse nível de educação. Talvez a maior explicação para esses dados seja a de que para se ter acesso à universidade é preciso passar por provas de vestibulares e/ou pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), de cunho conteudista e eliminatório. O que torna esse processo tão difícil é o fato de “colocar em condições igualitárias de “candidatos”, indivíduos oriundos de grupos sociais distintos e que obtiveram, em sua trajetória social, oportunidades distintas” (ABOUD *et al.*, 2004, pág. 2). Assim, o ingresso em Instituições de Ensino Superior (IES), que deveria permitir e promover o acesso justo, se configura como um grande desafio, ficando restrito, em sua maior parte, àquela já pequena e privilegiada parcela da população.

Atualmente, as IES são divididas em universidades, faculdades, centros universitários, institutos federais e centros federais de educação tecnológica, todas existindo na variação pública ou privada. Segundo o Censo da Educação Superior (BRASIL, 2016), de 2006 para 2016 o número de matrículas na educação superior como um todo aumentou 62,8%, o que é

um aumento significativo e positivo. Em relação a esse percentual de matrículas, as IES privadas têm uma participação de 75,3% (6.058.623) no total de matrículas de graduação. A rede pública, portanto, participa com 24,7% (1.990.078). A partir desses dados, há 2,5 alunos matriculados na rede privada para cada aluno matriculado na rede pública. O Rio Grande do Sul ultrapassa a média nacional e apresenta uma relação de 2,8 alunos da rede privada para cada aluno da rede pública.

Conforme ressalta Thiago Ingrassia (2013), não é novidade que no Brasil o ensino superior esteve reservado a uma minoria, também, entre outros fatores, pela sua formação tardia, quando comparado com outros países latino-americanos, além do alto grau de seletividade ao seu acesso. Com as informações levantadas pelo Censo e destacadas acima, fica claro que as graduações e pós graduações no país ainda são majoritariamente privadas e selecionadas. É um padrão histórico que, infelizmente, ainda permanece contribuído por uma pequena, mas poderosa, parte da população brasileira que acredita que esse tipo de educação é um privilégio e deve ser desfrutado apenas por alguns, agindo de forma que o consolida.

Entretanto, há quem nade contra essa maré. Existem grupos e movimentos sociais que assumem um protagonismo na defesa e luta por uma expansão democrática do acesso ao ensino superior. Concordo com Ingrassia (2013, pág. 32), quando ele afirma que “a democratização perpassa a ideia de simples inclusão de estudantes de segmentos sociais”, desde sempre excluídos das instituições superiores. De fato, isso é muito importante, porém, democratizar não deve se reduzir a um conjunto de procedimentos formais, mas sim atuar contra as desigualdades sociais que fragilizam, inclusive o próprio sistema democrático e a crença dos cidadãos e cidadãs nas instituições (BAQUERO; CASTRO, 1996 *apud* TIAGO INGRASSIA PEREIRA, 2013, pág. 33). Dessa forma, o ato de democratizar as universidades deve passar por ações que vislumbrem esses espaços de forma menos elitista, mais aberto, plural e diverso, que abranja de maneira representativa múltiplos segmentos étnico-raciais, etários, de gênero e de classe da sociedade.

Em relação à questão da democracia, é preciso muito mais, é preciso democratizar a universidade por dentro e por fora. É preciso que um maior número de trabalhadores tenha acesso à universidade, mas também as relações internas da universidade precisam ser democratizadas. (FREIRE, 2004 *apud* TIAGO INGRASSIA PEREIRA, 2013, pág. 34).

Quando se trata de universidades públicas, para que isso se torne possível, há a necessidade da criação de meios que acabem com a concorrência injusta e permitam um

acesso igualitário. De uns anos para cá, essas preocupações aumentaram e começaram a ser levadas mais em conta. Nesse âmbito, existem as ações afirmativas, que são um conjunto de políticas públicas com o objetivo de remover essas barreiras que impedem ou dificultam o ingresso de certos grupos ao mercado de trabalho, às universidades e às posições de liderança. Para o caso da educação superior, surge a Lei das Cotas nº 12.711/2012, com o intuito de ser uma ferramenta de ampliação das oportunidades sociais e educacionais no país.

Essa política é voltada para estudantes que cursaram o ensino médio, integralmente, na rede pública. Contempla, ainda, oriundos de família de baixa renda e autodeclarados negros, pardos e indígenas. Sua implantação vem sendo discutida amplamente no Brasil há uma década, mobilizando manifestações no interior das instituições universitárias e em diversos segmentos da sociedade (NOGUEIRA, 2013, pág. 92). Entre esses alunos alvos, a distribuição é subdividida, sendo metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Em ambos os casos, também é levado em conta percentual mínimo correspondente ao da soma de negros, pardos e indígenas no Estado (MEC, 2012).

Como políticas públicas (e privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e compleição física. Na sua compreensão, a igualdade deixa de ser simplesmente um princípio jurídico a ser respeitado por todos, e passa a ser um objetivo constitucional a ser alcançado pelo Estado e pela sociedade. (GOMES, 2005 apud FERNANDA NOGUEIRA, 2013, pág. 93).

No atendimento à Lei de Cotas, a UFRGS em 2013 e 2014 ofertou 30% das suas vagas para esse público alvo (estudantes de escola pública), em 2015 40%; e a partir de 2016, a reserva de vagas passou a ser de 50% do total das vagas oferecidas. Essas reservas de vagas são distribuídas em quatro grupos, sendo eles: cotas L1 destinadas a estudantes de baixa renda, sem declaração racial; cotas L2 para estudantes com baixa renda e declaração racial; cotas L3 para estudantes oriundos do ensino público, mas que não apresentam baixa renda, nem declaração racial; e, por fim, as cotas L4 para estudantes que não possuem baixa renda, mas com declaração racial.

Com a obrigatoriedade dessas reservas de vagas, tornou-se possível grupos historicamente excluídos ocuparem esses espaços que sempre foram seu por direito, mas que antes eram inacessíveis. É um grande avanço, mas como vimos nos dados mostrados

anteriormente, há muito trabalho pela frente para a total democratização do ensino superior, não devendo essa ser a única forma de garantir a equidade.

Isso porque, por mais que essa ação afirmativa seja essencial e sirva como meio facilitador de acesso, o ingresso ainda é feito através de uma prova de vestibular, com alto nível de exigência e competição. Enquanto muitas escolas podem se voltar para um ensino em que prioriza a passagem no vestibular, outras escolas não têm professores e estruturas básicas, o que intensifica as desigualdades. Há ainda o recurso dos cursos pré-vestibulares, que ao venderem por preços, muitas vezes alto, o saber necessário para obter sucesso nas provas, se afirmam como um grande mercado educacional de poucos. Conforme declara Nogueira (2013), impressiona como, tanto o mito do mérito, quanto o mito de que o vestibular é um meio pleno de avaliação estão presentes no imaginário da comunidade acadêmica e da sociedade.

Assim, outro mecanismo que tem ganhado espaço na atual conjuntura de democratização é o dos cursos pré-vestibulares populares que, segundo Cícero de Oliveira (2012, pág. 2), “assumem um protagonismo inegável nas discussões relacionadas ao ensino superior, fazendo com que aspectos de suas reivindicações incidam diretamente na construção das políticas públicas para o setor através das políticas de cotas, da abertura de bolsas de estudos em universidades não-estatais e da ampliação das vagas na rede estatal”. Eles proporcionam a entrada na universidade de setores mais populares, que na maioria das vezes tiveram um ensino defasado na escola e não estariam preparados para alcançar o ensino superior, fazendo com que o público de lá se faça cada vez mais heterogêneo e a formação universitária deixe de dizer respeito apenas ao “mercado de trabalho”, como nos aponta Zitkoski (2013).

Em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, há uma presença forte e cada vez mais visível de cursos populares, como o Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC) e o Resgate Popular. Por ter a oportunidade de ser professora voluntária do primeiro curso acima citado, vivencio e percebo semanalmente a relevância e necessidade desse tipo de espaço para essas pessoas. A relação professor-estudante e estudante-estudante costuma ser bem diferente da vivenciada em outros pré-vestibulares, em que o objetivo é somente ensinar para passar. É possível associar essa realidade com o conceito de educação popular trazido por Paulo Freire (1989, pág. 19), que diz que esta é “o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares”, já que esses espaços não se limitam apenas aos conteúdos que caem nas

provas de vestibular, mas se tornam uma forma de resistência e luta por essas classes desfavorecidas.

Fica claro, então, o papel e valor dos cursinhos populares e ações afirmativas, como as cotas, para a admissão no ensino superior. Mas para além dessa entrada nas instituições que eles facilitam, a questão das condições de permanência dos estudantes assume relevância, como afirma Krainski (2011). O acesso deve ser apenas o início do processo de democratização. Para a construção de uma universidade pública e que se pretende popular é preciso levar em conta as mais variadas realidades dos estudantes que estão nela, como por exemplo, o trabalhador que estuda ou o estudante que precisa trabalhar. Se torna mais desafiador achar respostas às “demandas plurais que agora são colocadas por classes sociais com interesses diversos e, em muitos casos, antagônicos”, como chama atenção Zitkoski(2013, pág. 19). Dessa forma, é necessário que haja um cuidado ao avançar na possibilidade de oferta desse tipo de ensino público para não cair em cenários de “inclusão excludente”, um conceito trazido por Acácia Kuenzer (2007 *apud* TIAGO INGRASSIA PEREIRA, 2013, pág. 41).

Na maioria dos casos há um contraste identificado: ampliam-se as vagas e se democratiza o acesso, mas as instituições não se reciclam na mesma velocidade, fazendo com que o sujeito histórico não dotado de códigos tradicionais tenha que se enquadrar absolutamente aos valores e normas, constituindo uma relação de mão única em que a cultura e o modo de vida desse sujeito histórico são descartados da rotina acadêmica (GRISA, 2013, pág. 110).

Quando levamos em conta todo o caminho percorrido e “batalhas” travadas por esses estudantes para chegar à universidade, esse passo representa uma grande conquista. Conforme afirma Zago (2006), a outra será certamente garantir sua permanência até a finalização do curso. Isso só se torna possível através de políticas de assistência estudantil, que têm a finalidade de destinar recursos e mecanismos para que os alunos possam permanecer na universidade e concluir seus estudos de modo eficaz (COSTA, 2009). Para além de demandas financeiras, é fundamental que a instituição se volte para auxílios pedagógicos e psicológicos. Essas ações são indispensáveis e deveriam ser cumpridas por todas as universidades. A questão é se todas as fazem de fato e com que qualidade as fazem, uma vez que o não cumprimento dessas intervenções está intimamente relacionado com as taxas de evasão desses ambientes educacionais.

Dentro de todo esse contexto levantado até então, encontramos diversas universidades públicas, dentre elas a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em relação a

ela, chamo a atenção para o fato de a mesma ter aderido ao sistema de cotas no ano de 2008, tendo inicialmente apenas 30% das reservas de vagas. Na época, essa ação foi marcada por forte resistência de uma parcela da comunidade acadêmica. Grisa (2013) nos dá uma noção desse cenário ao trazer dados daquele período: em 2007 em torno de 70% dos estudantes ingressantes na universidade eram oriundos de escolas particulares, o que só ressalta o fato de estudantes de escola pública pouco usufruírem deste espaço. Em relação ao mesmo ano, apenas 3% dos estudantes que entraram eram negros. Com a implantação das ações afirmativas essa realidade vem se modificando nos últimos anos.

Por ser a maior universidade federal do Estado, a UFRGS atrai pessoas de diversas cidades gaúchas e do resto do Brasil, sendo considerada como uma das melhores do país. Assim, é muito importante pensar de que forma se dá esse acesso e quais políticas existem para manter os estudantes nesse meio. As boas avaliações que garantem uma excelente posição no ranking são justas e baseadas levando tudo isso em conta? Adoraria fazer uma análise completa em todos os setores que constroem e mantêm a universidade, porém, é algo inviável na condição de trabalho de conclusão de curso. Sendo assim, é necessário focar em determinados pontos.

O foco inicial deste trabalho de conclusão era verificar a influência e relevância efetiva de pré-vestibulares populares no ingresso em uma universidade federal, no caso na UFRGS, já que ao pesquisar sobre percebi que não há dados precisos sobre os seus resultados, como corrobora Zago (2008). À medida que fui realizando a pesquisa, me deparei com outros tipos de dados muito interessantes a respeito da trajetória traçada por estudantes até o momento de ingresso no ensino superior e sua caminhada já dentro desse espaço, tópicos que se relacionam bastante com as questões de acesso e permanência discutidas até agora. Assim, o cerne do trabalho deixou de serem os cursos populares e passou a levar em conta outras questões, como as dificuldades encontradas pelos estudantes para cursar uma universidade e, mais especificamente, o curso de Ciências Biológicas oferecido pela universidade escolhida.

Essas questões surgiram principalmente devido ao fato do curso de Biologia ser diurno, com aulas pela manhã e à tarde, possuir uma grande carga horária, com previsão de conclusão em quatro anos, tanto para licenciatura quanto para o bacharelado. Chamo atenção para esse fato, pois para o bacharelado há, na maioria dos semestres, 7 cadeiras obrigatórias para fazer, enquanto na licenciatura, a maioria dos semestres têm um pouco mais, variando de 8 a 10 obrigatórias. Além disso, as aulas são distribuídas em diferentes campi, mas acontecem, principalmente, no Campus do Vale, que fica próximo da cidade Viamão (RS).

Atualmente, existem 637 estudantes matriculados ativamente no curso em questão. O currículo atual do curso pode ser visto no final do trabalho como anexo 1.

Baseando-se em todas essas questões, o objetivo geral do trabalho, então, foi buscar informações que contribuam para uma melhor compreensão das políticas de acesso e permanência que vigoram na universidade, perpassando por diversos fatores que estão presentes na realidade cotidiana de quem realiza o Curso de Ciências Biológicas e que foram pontos chave para essa discussão. Os objetivos específicos foram analisar a importância dos cursos pré-vestibulares populares no ingresso dos estudantes do curso e as dificuldades que os estudantes, principalmente os ingressantes pelas Ações Afirmativas, enfrentam para se manter na graduação até o fim. Afinal, “a universidade vive um processo histórico de transformação e aprendizado que, além de ampliar a diversidade de seus espaços, está desafiando a comunidade acadêmica a desenvolver outros parâmetros de trabalho pedagógico e de relações humanas” (GRISA, 2013, pág. 119) e, por isso, é importante ver de que modo a UFRGS acompanha essas mudanças.

2 METODOLOGIA

A pesquisa ancorou-se no cunho quali-quantitativo. A escolha dessa metodologia foi feita por ser uma forma que permite trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis, a partir do viés quantitativo, ao mesmo tempo em que o viés qualitativo proporciona aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente (MINAYO; SANCHES, 1993).

Para um primeiro momento do trabalho foi elaborado um questionário (ANEXO 2), que de acordo com Gil (1999, *apud* CHAER *et al.*, 2011, pág. 260) “é uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc”. O questionário criado era do tipo misto, já que foi composto por questões fechadas, constituídas por alternativas específicas, em que o estudante teve que escolher uma delas, sendo geralmente entre SIM ou NÃO; algumas questões de cunho dependente, em que dependendo da resposta dada a uma questão, o estudante precisou responder uma ou outra pergunta, havendo perguntas que apenas foram respondidas se uma anterior tivesse determinada resposta; e, por fim, questões abertas, que permitiram maior liberdade de respostas por parte dos alunos. Segundo Chaer *et al.* (2011),

esse tipo de pergunta traz a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente. Foi escolhido aplicar um questionário impresso, por acreditar que há maior aderência de participantes.

Como inicialmente o foco do trabalho eram os cursos pré-vestibulares populares, as perguntas formuladas foram pensadas visando identificar os sujeitos que participaram desse tipo de cursinho e verificar a existência ou não de formas de apoio recebidas pela UFRGS para nela permanecerem. Apenas após a aplicação do questionário e de uma análise preliminar dos resultados obtidos é que constatei o potencial de diversas respostas dadas, agregando, assim, outros pontos ao objetivo da pesquisa, como por exemplo, as motivações e dificuldades desses alunos para cursar uma universidade.

Por ser inviável aplicar o questionário em todos os cursos da UFRGS, o que daria uma visão mais ampla desses aspectos, foi escolhida uma área de conhecimento para se realizar o trabalho, limitando a abrangência, mas ainda se mantendo um bom número amostral. Assim, a pesquisa foi aplicada em 5 turmas do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tanto com alunos e alunas do bacharelado quanto da licenciatura. Para tentar englobar uma maior diversidade de estudantes e possibilidades, o estudo foi executado em disciplinas apenas obrigatórias do início do curso, como de primeiro ou segundo semestre; em cadeiras que estejam mais para o meio da graduação e, para encerrar, em turmas de disciplinas presentes no final do curso.

As cadeiras escolhidas, dentro dos critérios já citados, foram as que, em geral, apresentam bastante alunos e alunas matriculados, para garantir uma boa amostra. Para conseguir entrar nas aulas e aplicar a pesquisa, foi feito contato prévio por email com os professores e professoras ministrantes. De maneira geral esse contato foi fácil e positivo, havendo apenas uma recusa de autorização. Assim, as disciplinas que participaram do estudo foram: Anatomia Vegetal (*BIO02005*), que faz parte do segundo semestre do curso, Sistemática Vegetal III (*BIO02031*) e Zoologia de Chordata I (*BIO04004*), ambas do quarto semestre da graduação, e como representantes do sexto semestre foram Evolução Biológica (*BIO07003*) e Paleontologia Aplicada à Biologia (*GEO04013*). Para além do questionário impresso, foi entregue para os estudantes um termo de consentimento (ANEXO 3), que continha uma explicação geral a respeito da pesquisa, em que os mesmos assinaram, concordando estarem participando de livre e espontânea vontade.

Após o questionário ter sido aplicado em todas as turmas, abrangendo um total de 111 estudantes, e de ter sido feita uma leitura geral dos dados coletados, foram selecionados

alguns desses que, de acordo com suas respostas e aceite em participar da fase seguinte do estudo, se enquadraram no tema da pesquisa. Assim, uma segunda etapa de coleta de dados foi feita. Dessa vez, a técnica elegida foi a de entrevistas individuais. Isso porque a ideia foi desenvolver e aprofundar assuntos já trazidos nas respostas dos questionários. Como ressaltam Júnior e Júnior (2011, pág. 241) “a entrevista pode desempenhar um papel vital para um trabalho científico se combinada com outros métodos de coleta de dados, intuições e percepções provindas dela, podem melhorar a qualidade de um levantamento e de sua interpretação”.

Do total de estudantes que responderam o questionário, uma pequena parcela concordou em participar da fase de entrevistas e, menor ainda o número que, quando se entrou em contato, ainda estava de acordo. Dessa forma, apenas quatro (04) estudantes foram entrevistados, sendo uma aluna da cadeira de Evolução, uma aluna da disciplina de Paleontologia e dois alunos de Sistemática Vegetal III. Esses estudantes foram selecionados por terem cursado pré-vestibulares populares e/ou terem entrado na universidade através de cotas ou ainda por terem dado respostas relevantes para a pesquisa. Os encontros com cada estudante foram gravados em áudios e transcritos (ANEXO 4), com autorização, e tiveram como objetivo detalhar melhor a questão do esforço individual para entrar na universidade, a participação dos pré-vestibulares nesse processo e as dificuldades encontradas no curso de Biologia, entre outras questões, a fim de dar mais dados para serem discutidos no presente trabalho. Para atingir esse objetivo foram feitas as seguintes perguntas:

- 1) *Como era o ensino na sua escola? Era voltado para passar em vestibulares? Enem?*
- 2) *Conseguiu passar de primeira na UFRGS ou fez mais de um vestibular? Enem?*
- 3) *Como conheceu o cursinho popular que tu fez?*
- 4) *Como foi tua trajetória nesse espaço de educação? Ele teve influência na tua escolha de curso?*
- 5) *Sem ele, tu terias conseguido fazer outro cursinho ou passado direto na UFRGS?*
- 6) *O que ou que pessoas influenciaram na tua escolha de curso? Tu achas que elas se mantêm as mesmas hoje em dia? É isso ainda que te motiva a terminar o curso?*
- 7) *Quais dificuldades encontras para cursar a faculdade? E no curso?*
- 8) *Alguma vez já pensou em desistir do curso? Por quê?*
- 9) *Como está tua perspectiva para daqui pra frente no curso?*

Finalizada a coleta de informações, houve a categorização das respostas para posterior análise de conteúdo. Para melhor organizar e examinar as respostas obtidas pelos questionários impressos foi utilizado o recurso do formulário Google. Ele consiste em um meio online de coleta de dados, que pode ser feita através da criação de enquetes, captação de endereços, entre outras formas. Nele é possível criar diversos tipos de perguntas, como de múltiplas escolhas e/ou respostas em texto. Apresenta ainda como vantagem o fato de as respostas dadas serem automaticamente mandadas para uma tabela de Excel. Além disso, são gerados gráficos em tempo real, organizando de forma mais visual os resultados. Dessa forma, para cada turma que participou da primeira etapa do trabalho foi criado um formulário online, contendo as mesmas perguntas do questionário impresso, e as respostas de cada estudante foram passadas para esse recurso. No final do processo, todas as informações coletadas foram copiadas virtualmente, podendo ser visualizadas em uma tabela de Excel e na forma de gráficos. É importante ressaltar que esse procedimento foi feito cinco vezes diferentes, uma para cada turma, para que os dados não se misturassem e fosse possível fazer comparações entre elas.

Por fim, os dados obtidos pelos questionários e pelas entrevistas foram analisados e cruzados, possibilitando uma melhor reflexão sobre o tema, como acreditam Minayo e Sanches (1993, pág. 247) ao afirmarem que

[...] a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais "ecológicos" e "concretos" e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa.

3 RESULTADOS

O questionário foi passado em 5 turmas, o que totalizou uma amostra de 111 estudantes. Os resultados obtidos para cada turma estão aprofundados abaixo.

3.1.Turma 1: Anatomia Vegetal (2º semestre)

A primeira turma a responder o questionário foi a de Anatomia Vegetal, com um total de 28 estudantes. Nela houve uma predominância de meninos (57,1%) quando comparado ao número de meninas (42,9%). Em relação aos anos de nascimento, apareceram 1977 (1), 1985 (1), 1993 (2), 1994 (2), 1995 (4), 1996 (4), 1997 (8), 1998 (4) e 1999 (2). Com isso, percebemos que os estudantes que estão na segunda etapa do curso possuem, em sua maioria, em torno de 20 anos.

Quando perguntados sobre sua formação escolar, os anos de formatura no Ensino Médio que apareceram foram: 1996 (1), 2004 (1), 2010 (1) 2011 (1), 2012 (2), 2013 (6), 2014 (8), 2015 (6), 2016 (2). É possível observar que apenas dois (02) estudantes ingressaram diretamente na Universidade após a conclusão do ensino médio e que alguns apresentaram defasagem de idade/série já durante a escolarização, não sendo, no entanto, a maioria. Quanto ao tipo formação escolar, um total de 13 (46,4%) universitários vieram de escolas particulares, ao mesmo tempo em que 13 (46,4%) terminaram seus estudos em escolas públicas. Os outros 7,1%, que correspondem a dois alunos, não responderam. Isso pode ser justificado pelo fato de no questionário impresso não haver essa pergunta, apenas sendo solicitado oralmente na hora da entrega para os estudantes, o que levou ao esquecimento por parte de alguns. Dessa forma, em todas as outras turmas, o mesmo aconteceu.

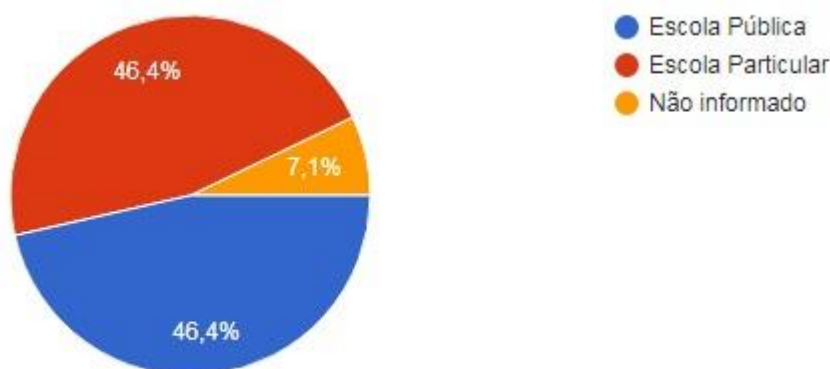


Gráfico 1: Representação dos tipos de formação escolar referente aos estudantes da cadeira de Anatomia Vegetal. Total de respostas: 28.

Com relação à trajetória acadêmica na UFRGS, na turma em questão, há estudantes que ingressaram nos semestres: 2014/2 (2), 2015/1 (1), 2015/2 (1), 2016/1 (3), 2016/2 (6) e 2017/1 (15). A cadeira de Anatomia Vegetal é uma cadeira que, na grade curricular do curso, está no segundo semestre e, dessa forma, os alunos que ingressaram no semestre 2017/1 a

estão fazendo no semestre regular, correspondendo a um total de 53,57%. Porém, os 46,43% restantes, que é uma porcentagem significativa, já deveriam a ter cursado para cumprir a seriação recomendada.

Dos 28 participantes da pesquisa, 19 (67,9%) optaram por cursar o bacharelado, enquanto 9, ou seja 32,1%, fazem licenciatura. É uma diferença significativa, que incita discussões a respeito da valorização da profissão de professor. Com relação ao tipo de ingresso na universidade, um aspecto muito relevante para esta pesquisa, se obteve um total de 17 (60,7%) estudantes que entraram pelo acesso universal e um restante de 11 graduandos (39,3%) que contaram com o acesso pelas ações afirmativas. Desse segundo grupo, composto por 11 estudantes, 4 (36,4%) ingressaram por cotas do tipo L3 (não baixa renda, não declaração racial), o que corresponde dentre os alunos alvo dessas ações aos que apenas se formaram em escolas públicas; 3 (27,3%) utilizaram as cotas L4 (não baixa renda, com declaração racial); 3 (27,3%) entraram via as cotas L1 (baixa renda, sem declaração racial); e 1 (9,2%) acessou a universidade por cotas L2 (baixa renda com declaração racial), conforme é mostrado no gráfico 2. É importante ressaltar que a proporção acesso universal/acesso por meio das ações afirmativas encontrada aqui pode ser vista como positiva, além de apresentar um ingresso diverso por cotas.

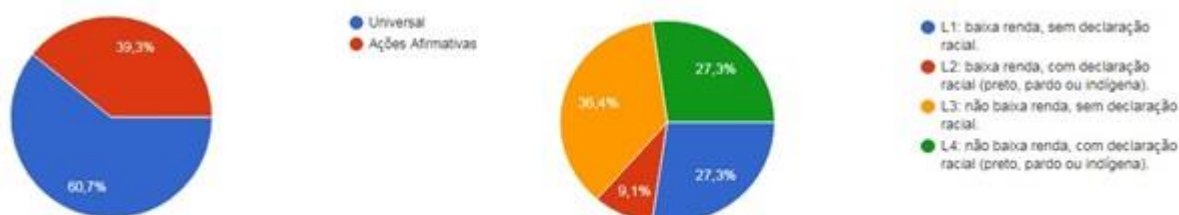


Gráfico 2: Representação detalhada dos tipos de acesso por ações afirmativas referente aos estudantes da cadeira Anatomia Vegetal. Total de respostas: 11.

Quando questionados se haviam feito curso pré-vestibular antes de entrar na universidade, a grande maioria (82,1%) respondeu que sim. Ainda sobre esse ponto, dos 23 alunos que fizeram cursinho, 19 pagaram para isso e 4 fizeram cursinho popular. Esse último dado é um demonstrativo das mudanças que vêm ocorrendo no acesso ao ensino superior e do papel desses espaços educacionais para esses avanços. Dentre os pré-vestibulares pagos, os que mais apareceram como resposta foram Unificado e Universitário, ambos cursados por 5 estudantes, e o Anglo, que teve 3 respostas. Já em relação aos populares, os citados foram: CEUE, Esperança Popular, ONGEP e Resgate Popular. No que diz respeito ao tempo em que

os alunos precisaram cursar esses pré-vestibulares para obter sucesso na prova de vestibular, a grande maioria (77,3%) fez apenas um ano de aulas, seguido por 13,6% que fizeram mais de dois anos até conseguir ingressar na graduação. Por fim, desse total, apenas 1 estudante fez dois anos de pré-vestibulares.

Na pergunta que questionou se cursar uma universidade sempre foi um desejo e fez parte da sua realidade, uma parcela significativa de 24 alunos (85,7%) respondeu que sim, tendo uma minoria de 4 (14,3%) estudantes que negou. Em uma outra pergunta, que indagava se outras pessoas da família já cursaram ou cursam uma graduação, a proporção de resposta foi parecida, sendo 78,6% de sim e 21,4% não. Dessa forma, podemos observar que as primeiras respostas têm uma forte relação com as dadas na segunda pergunta, e que se amplia o acesso à universidade para esses que não possuem familiares com experiência em educação superior. Nesse conjunto de questões, outra que chamou atenção por suas respostas foi a de se cursar Ciências Biológicas sempre foi uma vontade, com um feedback 64,3% negativo. O que, então, leva os estudantes a fazerem essa escolha?

As respostas a essa pergunta foram diversas, já que agora nos referimos a uma pergunta aberta, na qual os estudantes deveriam construir suas próprias respostas. Dessa forma, para melhor analisar foram criadas categorias que abrangem as ideias que conversam entre si. São elas: “*Interesse pela área*”, que contempla diversas respostas, como por exemplo, amor pela natureza e curiosidade de entender como a vida funciona, entre outras respostas relacionadas; “*Preocupação Ambiental*”, a qual compreende respostas como “vontade de diminuir o impacto ambiental”; “*Influências*”, que se refere às escolhas motivadas por professores e/ou aulas do ensino médio ou cursinhos; e por fim, a categoria “*Não Informado*”, para os estudantes que deixaram em branco essa pergunta. As categorias não são excludentes entre si, tendo alunos que deram respostas que se encaixam em mais de uma, como pode ser visto na tabela abaixo. As respostas completas dadas pelos estudantes para essa pergunta e para a de quais são suas dificuldades para realizar o curso estão transcritas no ANEXO 4.

Categorias:	Interesse pela área	Preocupação ambiental	Influências	Não informado
Nº de respostas:	25	3	2	2

Quadro 1: Categorização das motivações para escolha do curso de Ciências Biológicas referente aos estudantes da cadeira Anatomia Vegetal.

Outro dado importante de analisar para tentar traçar um perfil dos estudantes é o número de cadeiras cursadas por semestre. Todo o semestre é diferente e isso pode ser algo que varia bastante, mas quando perguntados sobre uma média, o resultado foi o seguinte: 46,4% costuma fazer mais de 6 cadeiras, 42,9% cursa de 4 a 6 e 10,7% consegue fazer de 2 a 4 disciplinas. Não houveram respostas para a alternativa de 1 a 2 cadeiras. Relacionado com a carga horária em aulas, está a possibilidade de se ter uma bolsa remunerada dentro da própria universidade, o que proporciona aos alunos experiências acadêmicas fora das aulas. Apenas 9 alunos (32,1%) possuem algum tipo de bolsa, sendo que 5 são de Iniciação Científica, ligadas a projetos de pesquisas, 2 de monitoria e 2 são bolsas administrativas.

Isso também se reflete na vida fora da faculdade, já que questionados se realizam alguma atividade não acadêmica, 20 alunos (71,4%) responderam que não. Dentre os que conseguem fazer algo, predominam atividades físicas como academia, dança e esportes. São citadas também banda, curso de línguas e docência em curso pré-vestibular popular.

Um dos pontos chaves do trabalho e que teve destaque é o das dificuldades encontradas pelos estudantes para realizar o curso. Novamente, assim como nas respostas das motivações, aqui surgiram diversas, mas também se observa um padrão de repetição e, para facilitar, foram categorizadas, não só baseadas nas respostas dessa turma, mas a partir das 5 estudadas. Por ser uma pergunta em que a resposta era do tipo aberta, a maioria dos alunos citou mais de uma dificuldade. Importante ressaltar que há certa subjetividade em algumas respostas, tornando possível inseri-las em mais de uma categoria, porém, foi escolhida a que mais se encaixava no caso.

As categorias que surgiram a partir das respostas de todas as turmas foram: “*Excesso de Cadeiras/Carga Horária*”, uma das que mais apareceu, fazendo referência ao grande número de cadeiras obrigatórias por semestre que é exigido pelo curso, gerando uma alta carga horária semanal; “*Professores/Conteúdos*”, que contemplam respostas fazendo críticas à forma como os professores ensinam, sendo muito citada a questão da didática ultrapassada, junto com conteúdos exigindo a “*decoreba*”, um termo muito citado; “*Deslocamento*”, que representa as dificuldades em se locomover até o campus e gastos com passagens; “*Pressão acadêmica*” que aborda as dificuldades de ordem mais psicológicas encontradas pelos estudantes para lidar com todos os problemas das exigências e rotina acadêmica; “*Problemas financeiros*”, que faz menção aos obstáculos financeiros em geral encontrados para realizar o curso; “*Outras*” que engloba todas as respostas que não se encaixam nas categorias posteriores, como por exemplo, “*dificuldade de me relacionar com os colegas*”, “*falta de*

investimento para realizar atividade no exterior” e “ter disciplina para estudar”, entre outras; “*Nenhuma*” para os estudantes que afirma não encontrar dificuldades; e, por fim, a categoria “*Não Informado*”, para os que deixaram em branco essa pergunta.

Categorias:	Excesso Cadeiras/ Carga Horária	Professores/ Conteúdos	Deslocamento	Pressão Acadêmica	Problemas financeiros	Outras	Nenhuma	Não informado
Nº de respostas:	10	2	6	1	1	11	3	3

Quadro 2: Categorização das dificuldades encontradas pelos estudantes da cadeira Anatomia Vegetal para realizar o curso.

Em relação às políticas de permanência para os estudantes do curso, 85,7% afirma não receber nenhum tipo de auxílio da universidade. Para os 4 alunos que recebem, o que corresponde à porcentagem restante, a ajuda recebida varia em passagens, material e alimentação, que no caso equivale ao acesso gratuito aos Restaurantes Universitários (RUS). O problema é que para 3 dessas 4 pessoas, o auxílio recebido não é o suficiente para suprir suas necessidades, já que os valores são insuficientes e não correspondem com a realidade vivida por elas, ainda mais para quem tem filhos, como é o caso de uma delas.

3.2. Turma 2: Sistemática Vegetal III (4º semestre)

Na cadeira de Sistemática Vegetal III, se obteve um total de 36 questionários respondidos. O fato de ter sido aplicado em um dia de avaliação da disciplina pode ter contribuído para esse bom número amostral. Nessa turma, ao contrário da primeira (Anatomia Vegetal), o número de meninas foi maior que o de meninos, com representação de 61,1% e 38,9%, respectivamente. Em relação aos anos de nascimento desses estudantes, foram citados: 1990 (1), 1991 (1), 1993 (1), 1994 (3), 1995 (2), 1996 (13) e 1997 (15). Aqui, os alunos cursistas apresentam de 20 anos para mais.

Os anos de formatura no Ensino Médio citados para essa turma foram: 2008 (2), 2011 (3), 2012 (3), 2013 (14), 2014 (13) e 2015 (1). Quanto ao tipo de escola em que esses alunos se formaram, temos que 25% foram em ensino privado, 19,4% em escolas públicas e 55,6% não informaram. Novamente, para essa pergunta, respostas não informadas se devem ao fato de não estar expressa no questionário, apenas requisitada oralmente. Nesse caso, a grande porcentagem dos não informados é justificada pelo fato de ter sido um dia de prova e a

explicação da pesquisa e entrega do questionário ter sido feita no início da aula, mas eles só terem respondido após terminarem a avaliação, o que levou a um grande número de esquecimentos.

Sobre os semestres de ingresso no curso de Ciências Biológicas na UFRGS, se obteve como respostas: 2012/2 (1), 2013/1 (2), 2013/2 (1), 2014/1 (3), 2015/1 (12), 2015/2 (9) e 2016/1 (8). Chamo atenção para o fato de apenas 8 estudantes, o que representa 22,2%, estarem cursando a cadeira no período regular, já que ela é do quarto semestre. Assim como visto na turma anterior, nesta também há uma predominância de estudantes que optaram por cursar o bacharelado (61,1%).

Acerca da forma como esses alunos entraram na universidade, o acesso universal predomina, atingindo um percentual de quase 70%. Em relação ao ingresso pelas ações afirmativas, 11 estudantes se beneficiaram com essa política pública. Verificando os tipos de cotas pelas quais eles ingressaram, temos: 5 (45,5%) entraram por cotas do tipo L3 (não baixa renda, não declaração racial); 4 (36,4%) por L1 (baixa renda, sem declaração racial); e tanto L4 (não baixa renda, com declaração racial) quanto L2 (baixa renda com declaração racial) tiveram 1 aluno, o que corresponde a 9,1% para cada. O gráfico abaixo demonstra esse resultado.

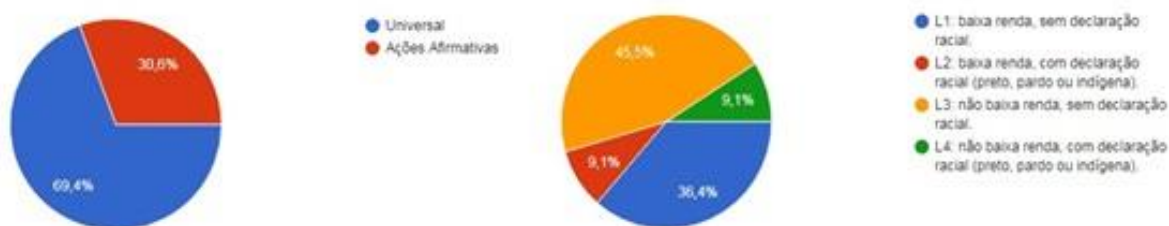


Gráfico 3: Representação detalhada dos tipos de acesso por ações afirmativas referente aos estudantes da cadeira Sistemática III. Total de respostas: 11.

Para conseguir entrar na UFRGS, a grande maioria desses estudantes (75%), assim como na turma anterior, precisou fazer cursinho. Outra semelhança é a de que em geral esses pré-vestibulares foram pagos, sendo uma minoria de 14,4% que fez cursinho popular, porcentagem que se refere a 4 alunos. Um fator que foi novidade nesse grupo foi que 8 graduandos (28,6%) tiveram a oportunidade de fazer um curso pago, mas com algum tipo de bolsa, ou seja, não pagando o valor integral. Novamente, os pré-vestibulares pagos mais citados foram o Universitário e o Unificado. Em relação aos populares, os nomes que apareceram foram Emancipa, PEAC, POP e CEUE. Quanto ao tempo em que os alunos

precisaram cursar esses pré-vestibulares para conseguir passar no vestibular, a grande maioria (78,6%) fez apenas um ano de aulas. Aqui há uma variação em relação à turma de Anatomia Vegetal, já que 17,9% fizeram dois anos de pré-vestibulares e, por fim, 3,6%, que significa 1 estudante, fez mais de dois anos até conseguir ingressar na graduação.

Quando questionados se cursar uma faculdade sempre foi um desejo e fez parte de sua realidade, quase a totalidade das respostas (94,4%) foi positiva. O mesmo aconteceu quando a pergunta foi se outra pessoa da família cursa ou já cursou alguma faculdade, tendo como sim 91,7%. Porém, quando indagados se sempre quiseram fazer o curso de Biologia, a maioria (66,7%) disse que não. Assim, usando as mesmas categorias já descritas acima, o padrão de motivações indicadas por esses alunos se resume na tabela abaixo.

Categorias:	Interesse pela área	Preocupação ambiental	Influências	Não informado
Nº de respostas:	33	3	6	0

Quadro 3: Categorização das motivações para escolha do curso de Ciências Biológicas referente aos estudantes da cadeira Sistemática Vegetal III.

Com relação ao número de cadeiras feitas por semestre há uma mudança na média. Nesse estágio mais avançado do curso, os alunos, em geral (55,6%), preferem fazer menos cadeiras, sendo, em média, de 4 a 6. Há ainda uma boa parcela que consegue cursar mais de 6 e uma pequena parte que faz de 2 a 4 disciplinas por semestre, como é mostrado no gráfico abaixo.

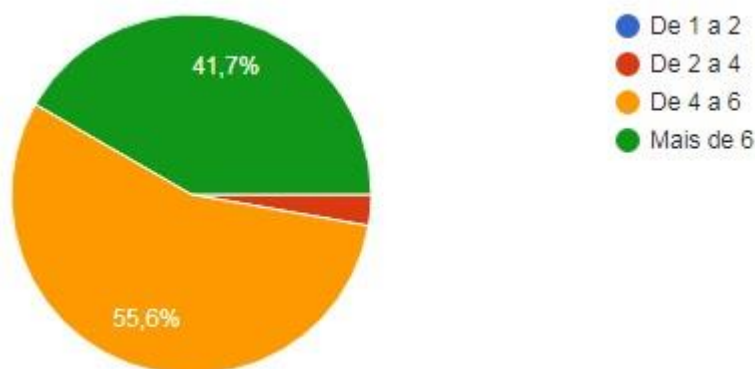


Gráfico 4: Representação das médias de cadeiras cursadas por semestre referente aos estudantes da disciplina Sistemática Vegetal III. Total de respostas: 36.

Essa diminuição no número de cadeiras por semestre, quando comparado com a turma de Anatomia Vegetal, pode ter relação com o fato de estarem mais avançados no curso, o que possibilita também o aumento do número de estudantes que possuem algum tipo de bolsa dentro da universidade, já que 72,2% dos alunos dessa sala têm bolsa, sendo, portanto, a maioria. Além disso, por mais que a que predomine ainda seja a de pesquisa, aqui vemos uma maior diversidade nos tipos de bolsas, sendo elas: Iniciação Científica (14), Monitoria (5), Bolsa de Extensão - PET Biologia (4) e PIBID (3). A diminuição na carga horária pode ter influência no fato de nessa turma mais estudantes conseguirem realizar atividades extra acadêmicas. Um pouco mais da metade deles (52,8%) fazem atividades como esportes, aulas de línguas, estágios voluntários, gestão de uma das casas do estudante da UFRGS, entre outras.

Sobre as dificuldades encontradas e citadas por esses estudantes, podemos observar na tabela abaixo que elas se mantêm no mesmo padrão encontrado na turma anterior, com uma predominância para questões referentes à carga horária do curso e didática dos professores.

Categorias:	Excesso Cadeiras/ Carga Horária	Professores/ Conteúdos	Deslocamento	Pressão Acadêmica	Problemas financeiros	Outras	Nenhuma	Não informado
Nº de respostas:	17	19	4	3	2	8	0	1

Quadro 4: Categorização das dificuldades encontradas pelos estudantes da cadeira Sistemática Vegetal III para realizar o curso.

Como uma das categorias de dificuldades que aparecem é a de dificuldades financeiras, é importante avaliar a forma como a universidade se posiciona e ajuda estes estudantes. Dos 36 que responderam o questionário, 7 (19,4%) afirmam receber algum tipo de auxílio. Os tipos de ajudas dadas estão representados na imagem seguinte:

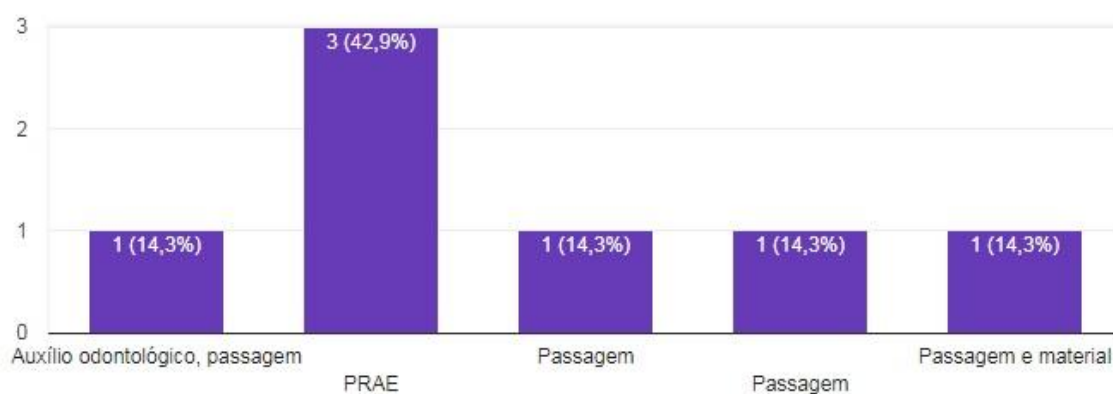


Gráfico 5: Representação dos tipos de auxílios recebidos pelos estudantes da cadeira Sistemática Vegetal III. Total de respostas: 7.

É importante considerar que o benefício PRAE inclui os auxílios transporte, alimentação, material, programa de saúde, entre outros. Assim, todos os 7 beneficiários, independentemente do tipo, recebem auxílio PRAE. Porém, apenas alguns alunos especificaram qual deles é. Quando perguntados se essas formas de ajuda são suficientes para suas necessidades, 4 alunos disseram que não e 3 que sim. As justificativas para a negativa foram que o valor é insuficiente, não sendo condizente com a realidade, já que, por exemplo, a UFRGS possui diversos campus pela cidade e às vezes os estudantes de Biologia têm aulas em mais de um deles no mesmo dia, tendo que gastar uma grande quantidade de passagens.

3.3. Turma 3: Zoologia de Chordata I (4º semestre)

Na turma de Zoologia de Chordata 21 estudantes responderam o questionário. Desse total, 12 (57,1%) são meninos e 9 (42,9%) meninas. Os principais anos de nascimento encontrados nessa turma são 1995 e 1996, ambos com 5 cada. Os outros anos citados foram: 1987 (1); 1990 (1); 1991 (1); 1993 (2); 1997 (3) e 1998 (3). Com relação ao ano de formatura no Ensino Médio, o ano que mais aparece é 2013, com um total de 7 estudantes formados nele. Apareceram ainda como resposta os anos 2006 (1); 2008 (1); 2010 (2); 2012 (3); 2014 (4) e 2015 (3). Nesse caso, 40% não informaram em que tipo de escola terminou os estudos, enquanto 5 (25%) se formaram em escola pública e 7 (35%) em escola particular.

Para a maioria (52,4%) dos alunos dessa turma, sua trajetória na UFRGS iniciou em 2016/1. Há também estudantes que ingressaram em 2015/2 (33,4%) e 2015/1 (14,3%). Essa é a primeira turma até então em que há mais pessoas cursando a cadeira no semestre regular. Porém, quando comparada com as outras, não se encontrou diferença na questão de escolha

no tipo de formação, já que a maioria, nesse caso de 76,2%, cursa o bacharelado ao invés da licenciatura.

Quanto à forma de ingresso na universidade, a maior parte entrou pelo acesso universal, enquanto apenas 5 estudantes, o que corresponde a 23,8%, tiveram acesso ao ensino superior a partir das ações afirmativas. Desses 5, 2 utilizaram a cota de tipo L4, que engloba os estudantes com declaração racial, sem baixa renda; 2 entraram pela cota L3, que é a de sem baixa renda, nem declaração racial; e por fim, 1 ingressante por L1, que é a de baixa renda, sem declaração racial. Esse resultado pode ser observado no gráfico abaixo:

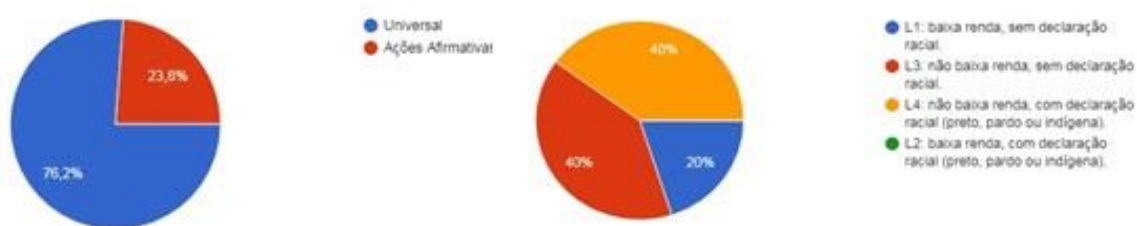


Gráfico 6: Representação detalhada dos tipos de acesso por ações afirmativas referente aos estudantes da cadeira Zoologia de Chordata I. Total de respostas: 5.

Como até então visto, nessa turma a maioria dos estudantes (90,5%) também precisou cursar um pré-vestibular para adentrar na universidade. Desse total de 19 alunos, 15 fizeram cursinho pago, 2 fizeram pago, mas com algum tipo de bolsa, e apenas 1 fez pré-vestibular popular. Dos pagos, os que mais apareceram novamente foram Universitário e Unificado e o popular foi o Emancipa. Ainda sobre esse assunto, 78,9% passou após ter feito somente 1 ano de cursinho, enquanto uma minoria de 21,1% fez 2 ou mais de 2 anos até conseguir ser aprovado no vestibular.

Quando perguntados se cursar uma universidade sempre fez parte de sua realidade, 95,2% responderam que sim, tendo apenas um estudante respondido que não. A porcentagem se difere um pouco quando a pergunta foi se mais alguém da sua família cursa ou já cursou uma faculdade, já que 81% responderam que sim e 19% marcaram que não. Na questão de sempre ter tido vontade de cursar Ciências Biológicas, 18 (85,7%) responderam que não e 3 (14,7%) afirmaram que sim. Ao analisar as motivações desses estudantes para escolher, então, esse curso, se obtiveram as respostas categorizadas abaixo:

Categorias	Interesse pela área	Preocupação ambiental	Influências	Não informado
Nº de respostas	19	2	1	0

Quadro 5: Categorização das motivações para escolha do curso de Ciências Biológicas referente aos estudantes da cadeira Zoologia de Chordata I.

A maioria dos estudantes (61,9%) dessa turma cursa, em média, de 4 a 6 cadeiras por semestre, enquanto o restante de 38,1% consegue cursar mais de 6. A porcentagem desses alunos que possuem algum tipo de bolsa na UFRGS não se difere muito da dos que não tem, sendo 52,4% e 47,6%, respectivamente. O tipo de bolsa predominante é a de Iniciação Científica, já que 9 alunos a têm. Monitoria e bolsa PIBID também apareceram como resposta. Em relação a outras atividades fora da universidade, 11 estudantes responderam não realizar nenhuma, enquanto o restante se divide com tarefas como esportes, academia, cursos de línguas, curso de cozinheiro e banda.

Na categorização de respostas das dificuldades encontradas por esses estudantes para realizar o curso, se obteve o seguinte resultado demonstrado abaixo, mantendo o padrão de maior quantidade de reclamações para as cadeiras, professores e conteúdos.

Categorias:	Cadeiras	Professores/ Conteúdos	Deslocamento	Pressão Acadêmica	Problemas financeiros	Outras	Nenhuma	Não informado
Nº de respostas:	13	7	1	0	1	6	0	1

Quadro 6: Categorização das dificuldades encontradas pelos estudantes da cadeira Zoologia de Chordata I para realizar o curso.

Nessa disciplina, apenas dois estudantes recebem auxílio PRAE da universidade e ambos não especificaram de que tipo, mas afirmam ser suficiente para suprir suas necessidades.

3.4. Turma 4: Evolução Biológica (6º semestre)

Nessa cadeira 20 pessoas responderam ao questionário, sendo 12 (60%) meninas e 8 (40%) meninos. Os anos de nascimento que apareceram foram: 1992 (2); 1993 (2); 1994 (3); 1995 (7); 1996 (3) e 1997 (3). Com relação aos anos de formatura da escola, os obtidos como

resultados foram: 2009 (1); 2010 (3); 2011 (1); 2012 (10); 2013 (2) e 2014 (3). Para essa turma, um dos destaques das respostas foi quanto ao tipo de formação escolar que tiveram esses alunos, já que 10 deles afirmam terem se formado em escola pública, 7 em escola particular e 3 não informaram, o que é um dado positivo quando pensamos na questão do acesso ao ensino superior. Esse resultado é mostrado na imagem abaixo.

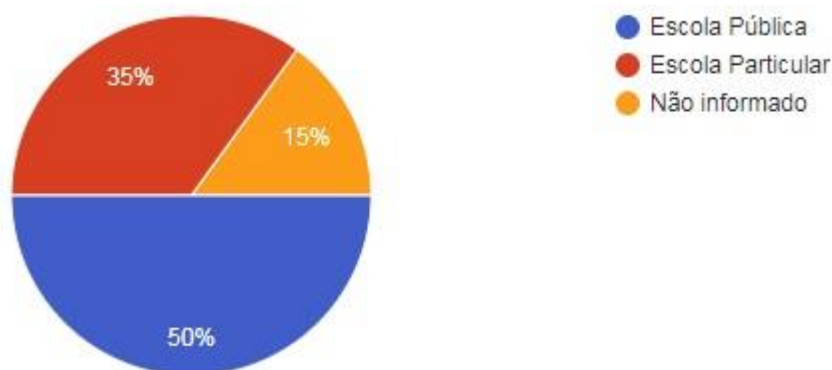


Gráfico 7: Representação dos tipos de formação escolar referente aos estudantes da cadeira de Evolução Biológica. Total de respostas: 20.

Quanto ao semestre de ingresso na universidade, os citados foram: 2012/2 (2); 2013/1 (2); 2013/2 (1); 2014/1 (6); 2014/2 (3) e 2015/1 (4). Esses resultados se referem à 18 respostas dadas, já que 2 estudantes não deram essa informação. Mesmo assim, é possível ver que somente 4 alunos, o que representa uma pequena parcela (22,2%), estão cursando a cadeira no semestre regular, enquanto o restante já a deveria ter cursado de acordo com a seriação aconselhada do currículo do curso. O tipo de formação predominante nesta turma é o bacharelado, já que apenas 20% seguem o caminho da licenciatura. A mesma porcentagem de 80% para 20% se repete quando a pergunta foi se o ingresso se deu por acesso universal ou por ações afirmativas, respectivamente. Esses 20% que entraram por cotas correspondem à 4 alunos, dos quais 3 ingressaram por cotas do tipo L3 (não baixa renda, sem declaração racial), e 1 acessou a universidade por cota do tipo L1 (baixa renda, sem declaração racial).

Nessa turma, 16 estudantes (80%) fizeram cursinho para poder passar no vestibular, sendo que 11 (73%) deles pagaram totalmente, 3 (20%) tiveram algum tipo de bolsa de desconto e 1 (6,7%) fez pré-vestibular popular. Desse total, 13 fizeram apenas um ano e os outros 3 precisaram de um ano a mais, fazendo em dois. Assim, como nas outras salas participantes da pesquisa, os cursinhos pagos que mais apareceram foram o Unificado e o Universitário. Nesse caso, o popular citado foi o CEUE.

Diferentemente das outras turmas até então, nesta, todos responderam que cursar uma universidade sempre foi um desejo e fez parte da sua realidade. Outro resultado que fugiu do padrão encontrado nas outras, em que a maioria respondeu que não, foi que nessa disciplina 50% afirmou sempre ter vontade de fazer Biologia e 50% não. O que seguiu o padrão foi o fato de a maioria (85%) ter familiares que cursaram ou cursam uma faculdade também.

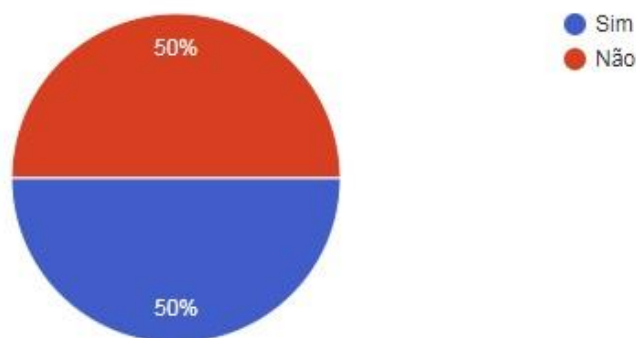


Gráfico 8: Representação das respostas à pergunta “Você sempre quis fazer Ciências Biológicas?” dadas pelos estudantes da cadeira Evolução Biológica. Total de respostas: 20.

Com relação às motivações desses estudantes para a escolha do curso, as respostas foram categorizadas de acordo com as categorias já explicadas anteriormente e o resultado pode ser observado na tabela a seguir:

Categorias	Interesse pela área	Preocupação ambiental	Influências	Não informado
Nº de respostas	17	4	3	0

Quadro 7: Categorização das motivações para escolha do curso de Ciências Biológicas referente aos estudantes da cadeira Evolução Biológica.

A maioria desses estudantes (75%) cursa, em média, de 4 a 6 cadeiras por semestre, enquanto o restante dos 25% consegue fazer mais de 6. O resultado se assemelha quando analisadas as porcentagens de alunos que possuem bolsa na universidade (65%) e a dos que não tem (35%). Das 13 pessoas que afirmaram ter bolsa, 12 especificaram de que tipo. Nesta turma apareceu uma maior variedade de bolsas, como de Extensão, SEAD, Bolsa Premium Propesq, e as já citadas anteriormente PIBID, Monitoria e a de Iniciação Científica, que continua sendo a predominante. Outra diferença encontrada nessa turma, é que 55% dos

alunos, ou seja, a maioria realiza outras atividades não acadêmicas, enquanto 45% não conseguem. As atividades que foram citadas se mantêm no mesmo padrão das outras turmas, já que são: banda, atividades físicas, estágios voluntários, ser professor em algum cursinho popular, etc.

Para as dificuldades encontradas por esses estudantes para fazer o curso e estar na universidade, as respostas foram categorizadas e englobadas na tabela abaixo:

Categorias:	Cadeiras	Professores/ Conteúdos	Deslocamento	Pressão Acadêmica	Problemas financeiros	Outras	Nenhuma	Não informado
Nº de respostas:	7	7	0	2	1	9	0	0

Quadro 8: Categorização das dificuldades encontradas pelos estudantes da cadeira Evolução Biológica para realizar o curso.

Dos 20 estudantes que responderam o questionário nesta turma, apenas um recebe auxílio da universidade. Não foi especificado de que tipo, apenas que é PRAE, mas que o valor não é suficiente, já que não é compatível com a realidade de gastos do país.

3.5. Turma 5: Paleontologia Aplicada à Biologia (6º semestre)

A última turma a participar da pesquisa foi a de Paleontologia, na qual participaram apenas 6 estudantes, todas meninas. O baixo número de adesão se deve ao fato desta ser uma cadeira que é dividida em duas turmas, uma em cada dia da semana. Os planos eram passar nas duas, porém, por incompatibilidade de horários, só foi possível em uma.

Os anos de nascimento obtidos como respostas foram: 1989 (1); 1991 (1); 1994 (2) e 1995 (2). Em relação aos anos de formatura do ensino médio, apareceram os anos 2006 (1); 2010 (1); 2011 (1) e 2012 (3). Quanto ao tipo de formação, 1 pessoa não informou, 1 afirma ter se formado em escola particular e as outras 4 em escola pública, o que representa 66,7% desta turma.

As alunas desta turma ingressaram na UFRGS nos semestres: 2012/1 (1); 2013/1 (1); 2013/2 (1); 2014/1 (2) e 2016/1 (1). Mesmo com 4 estudantes tendo se formado em escolas públicas, apenas 1 ingressou pelo sistema de cotas, do tipo L4 (sem baixa renda, com declaração racial) na universidade, enquanto as outras entraram pelo acesso universal. Metade delas cursa o bacharelado e a outra metade faz licenciatura. A maioria, ou seja, 4

delas fizeram um ano de cursinho para poder passar no vestibular, sendo que 2 fizeram um totalmente pago e as outras duas fizeram pré-vestibular pago, mas com algum tipo de bolsa. Nenhuma fez curso popular. Novamente o Universitário e Unificado apareceram nas respostas, aparecendo também o Conexão.

Para todas cursar uma universidade sempre foi um desejo e fez parte de suas realidades. Porém, uma delas respondeu que nenhum outro familiar cursa ou já cursou uma faculdade. Com relação à vontade de fazer Biologia, 4 afirmam não ter sido sempre esse o desejo, enquanto 2 já tinham essa certeza. Suas motivações para esta escolha estão resumidas nas categorias abaixo.

Categorias	Interesse pela área	Preocupação ambiental	Influências	Não informado
Nº de respostas	6	1	0	0

Quadro 9: Categorização das motivações para escolha do curso de Ciências Biológicas referente aos estudantes da cadeira Paleontologia Aplicada à Biologia.

A respeito das atividades não acadêmicas, 3 não realizam nenhuma, enquanto a outra metade divide seu tempo com capoeira e/ou docência. Isto pode ter relação com a média de cadeiras que cursam por semestre, já que uma respondeu que de 1 a 2, três responderam que de 4 a 6 e apenas duas conseguem fazer mais de 6. Com relação às bolsas que a universidade oferece, 4 possuem e 2 não. Pela primeira vez entre as turmas, a bolsa do tipo PIBID é a que aparece como tendo mais pessoas que a possui, como é mostrado abaixo.

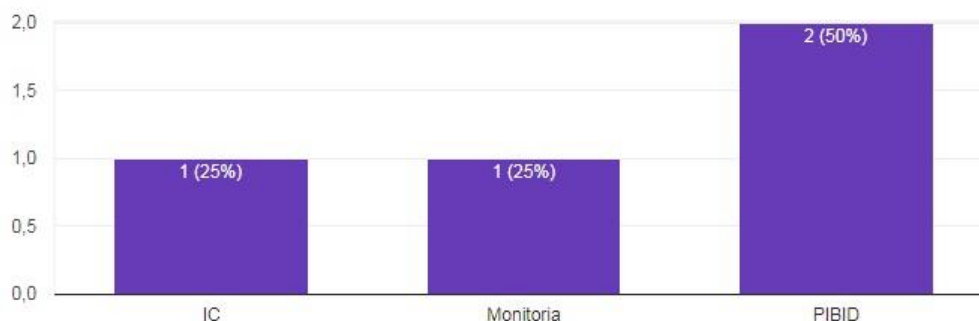


Gráfico 9: Representação dos tipos de bolsas que as estudantes da cadeira Paleontologia Aplicada à Biologia possuem. Total de respostas: 4

Quanto às dificuldades por elas encontradas, as respostas estão categorizadas no mesmo padrão das outras turmas e pode ser visto mais abaixo. Do total de alunos desta turma,

somente 2 recebem ajuda da universidade. Uma delas especificou apenas como PRAE, enquanto a outra definiu como auxílio alimentação e transporte. A satisfação ficou dividida, uma vez que uma acredita ser essa assistência suficiente e a outra afirma não ser, já que sem o financiamento dos pais não teria como estudar.

Categorias:	Cadeiras	Professores/ Conteúdos	Deslocamento	Pressão Acadêmica	Problemas financeiros	Outras	Nenhuma	Não informado
Nº de respostas:	1	2	1	0	1	4	0	0

Quadro 10: Categorização das dificuldades encontradas pelas estudantes da cadeira Paleontologia Aplicada à Biologia para realizar o curso.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para Gomes (2007 *apud* SILVA *et al.*, 2009, pág. 4561) “chegamos a uma interpretação quando conseguimos realizar uma síntese entre: as questões da pesquisa, os resultados obtidos a partir da análise do material coletado, as inferências realizadas e a perspectiva teórica adotada”. Dessa forma, diversos tópicos que são relevantes e chamaram a atenção como resultado, serão abordados e aprofundados agora.

Talvez um dos pontos que surgiu durante a pesquisa e pode ser usado como “pontapé” inicial para pensarmos as diversas questões a serem discutidas nesse trabalho, seja a questão do acesso à UFRGS. Por se tratar de uma universidade federal, o acesso deveria ser garantido a todos e todas, porém, infelizmente não é isso que ocorre. Essa exclusão não é única do Rio Grande do Sul, mas se reflete em todo o país, uma vez que o Brasil possui uma taxa de apenas 16,2% de estudantes de 18 a 24 anos no total da população da mesma faixa etária, matriculados nos cursos presenciais e de ensino a distância (EAD), segundo dados do SEMESP de 2015. O RS ainda está entre os cinco Estados que ultrapassam a média nacional e apresenta uma porcentagem de 19,9% de estudantes matriculados no ensino superior.

Como foi falado anteriormente, para entrar na UFRGS ainda é preciso enfrentar quatro dias exaustivos de uma prova complexa e que tem por objetivo eliminar candidatos. Para além da não garantia de um ensino superior para todos, o problema desse tipo de prova é que não dá chance igual para todos que a fazem. Primeiro porque são apenas quatro dias, quatro provas que servem como definição do futuro de milhares de pessoas, das quais cada uma tem

uma história de vida, uma forma de lidar com pressões e nervosismo, oportunidades diferentes, entre outros fatores que influenciam nesse resultado.

Os vestibulares não estão baseados no conteúdo que o aluno recebe da rede pública. Os vestibulares estão baseados no que os cursinhos caros fornecem para quem pode pagar. Esse vestibular é desonesto, ele não pode se basear no que os cursinhos caros oferecem, tem que se basear em outros saberes. (FREI DAVID *apud* THIAGO INGRASSIA PEREIRA, 2010, pág. 86)

Segundo, e talvez o principal, é a questão trazida acima por Frei David, ao afirmar que os vestibulares não estão baseados na realidade de todos os estudantes, como os da rede pública, mas sim, naquele conhecimento restrito à parcela da população que pode pagar por isso. Essa diferença fica bem perceptível quando analisamos alguns trechos das entrevistas realizadas com estudantes para o presente trabalho (texto na íntegra no Anexo 4):

Trecho 1: *“Luana: Como era o ensino na tua escola? Era voltado para vestibulares e ENEM?”*

Aluna: Sim. Eu estudava no Instituto Federal, em Bento, né? Que é da rede Federal, então tipo, era muito professor com mestrado, doutorado, então no meu último ano, no meu quarto ano, chegou uma época que os professores só davam coisas de ENEM e vestibular, até porque era uma demanda da nossa turma.[...]”

Trecho 2: *“Luana:Então, como era o ensino na tua escola? Ele era bem voltado para vestibulares e ENEM?”*

Aluno: Então, não exatamente a escola era voltada para o vestibular, mas alguns professores eram mais pilhados assim. Eu lembro da professora de Português, Química, sei lá, algumas professoras que gostava de resolver exercícios, mas a escola não tinha nenhum amparo assim. Era meio professores tomando a frente, se não aqueles alunos iriam sair do terceiro ano e nem sabiam a prova que iam enfrentar.”

Trecho 3: *“Luana: Então, como era o ensino da tua escola, ele era voltado para passar em vestibulares e ENEM?”*

Aluno: Acho que se tornou mais no ensino médio. Tinha alguns professores que acreditavam, que realmente queriam te ajudar, que realmente demonstravam interesse e que procuravam bastantes exercícios e coisas voltadas para a universidade. Mas a grande maioria não se importava mesmo, sei lá ... acho que não acreditavam, eu acho que não acreditavam por falta de incentivo da própria escola.”

Trecho 4: *“Luana: Então, como era o ensino na tua escola? Ele era mais voltado pra vestibulares e ENEM?”*

Aluna: Sim, ele era bem voltado. Eu estudei em uma escola particular e é um dos colégios mais caros de Porto Alegre. Acho importante dizer isso. Então tinha uma cobrança bem forte. Inclusive principalmente no 3º ano. Então os professores davam essas aulas bem voltadas pro vestibular, principalmente, e o ENEM em segundo lugar.”

Osexcertos 2 e 3 são de alunos que estudaram em escolas públicas estaduais, enquanto o 1 é de uma aluna que se formou em um Instituto Federal e, por fim, a aluna do excerto 4 estudou em uma boa escola particular. Nas próprias falas deles fica clara a diferença na forma como se dá esse ensino e a prioridade que se dá para os vestibulares em escolas privadas e públicas. Existem outros fatores em cada uma, como “o estabelecimento de ensino, a qualidade dos professores, a disponibilidade de laboratórios de qualidade, a organização e o nível dos demais alunos, que têm influência no desempenho dos estudantes” (SAMPAIO; GUIMARÃES, 2009, pág. 49). Os autores Sampaio e Guimarães (2009) ainda afirmam que, para as escolas brasileiras, observa-se uma grande variação nesses indicadores quando se compara o ensino público e privado.

Dessa forma, essas disparidades se tornam um obstáculo e trazem à tona a discussão de o quão justo é o processo seletivo feito pelos vestibulares. Cavalcanti, Guimarães e Sampaio (2007 *apud* SAMPAIO; GUIMARÃES, 2009, pág. 49), analisaram o desempenho de estudantes brasileiros no vestibular e chegaram à conclusão que os estudantes de escolas públicas têm desempenho, em média, entre 17-7% menor que os estudantes de escolas privadas. A tendência é de cada vez mais haver essas discrepâncias, devido a medidas como a Reforma do Ensino Médio (MPV 746/2016) que, ao flexibilizar e retirar matérias obrigatórias da grade divide os alunos entre aqueles que vão ter acesso a um ensino preparatório de fato e aqueles que vão ter acesso apenas a um ensino técnico de baixa qualidade, dificultando ainda mais a ascensão social de grupos menos favorecidos economicamente, eticamente e culturalmente. É importante ressaltar e concordar com Ortega (2001) que a escola não deve se subordinar ao vestibular ou outras formas de seleção que permitam o acesso ao ensino superior, mas que uma boa formação é importante para formar cidadãos atuantes e críticos, com um bom desempenho na vida em geral e que consigam um bom emprego, já que para isto também se exige um bom nível de escolaridade.

Nessa conjuntura de um processo de ingresso no ensino superior através de provas de vestibulares e ENEM, que é algo tão difícil há anos, surgiu um novo mercado: o dos cursos

pré-vestibulares, que se mantém até hoje e só ajuda a consolidar a realidade de exclusão, já que para passar, é preciso pagar mais. “O comércio dos cursinhos pré-vestibular, aliado a uma série de investimentos familiares, contribui para a elitização do ensino superior”, como afirma Zago (2006, pág. 232). No caso dos estudantes que ingressaram no curso de Ciências Biológicas na UFRGS, 80,2% deles precisaram fazer um pré-vestibular para conseguir passar no vestibular, muitos, inclusive, por mais de um ano. Desse percentual, ainda predomina o grupo que fez cursinho pago (70%), ou seja, aquela maioria que tem condições financeiras de investir na continuidade de sua educação. Há um pequeno grupo, de 15 alunos, que fez um pré-vestibular privado, mas teve algum tipo de bolsa. Em alguns cursinhos, como no Unificado e Universitário, é comum eles darem bolsa em troca de trabalho como monitor. Provavelmente seja por isso que esses dois pré-vestibulares tiveram, juntos, quase metade dos estudantes entrevistados nesta pesquisa.

Porém, não são todos os estudantes que saíram do ensino médio, ou ainda estudando nele, que têm condições de pagar por um cursinho ou de trabalhar nele para obter um desconto/bolsa. Assim, “os cursos pré-vestibulares populares (PVP), ou também chamados comunitários, surgem nesse contexto contraditório do sistema educacional, com profundas desigualdades no que diz respeito ao acesso ao ensino superior” (ZAGO, 2008, pág. 150). Emergentes desde os anos 90, esses espaços refletem a luta de pessoas para incluir os excluídos, demanda que começou a aumentar com a “expansão do ensino básico, pela urbanização e pelas transformações do mercado de trabalho” (ZAGO, 2008, pág. 151).

É interessante ver que o papel desses espaços no acesso ao ensino superior foi aumentando, e mesmo adquirindo uma maior visibilidade, à medida que as reservas de vagas também aumentaram, na política de cotas. No caso do curso de Biologia, é nítido que em um semestre mais recente há um aumento na proporção de estudantes que ingressaram a partir dos PVPs, quando comparado com semestres anteriores, como pode ser visto a seguir.

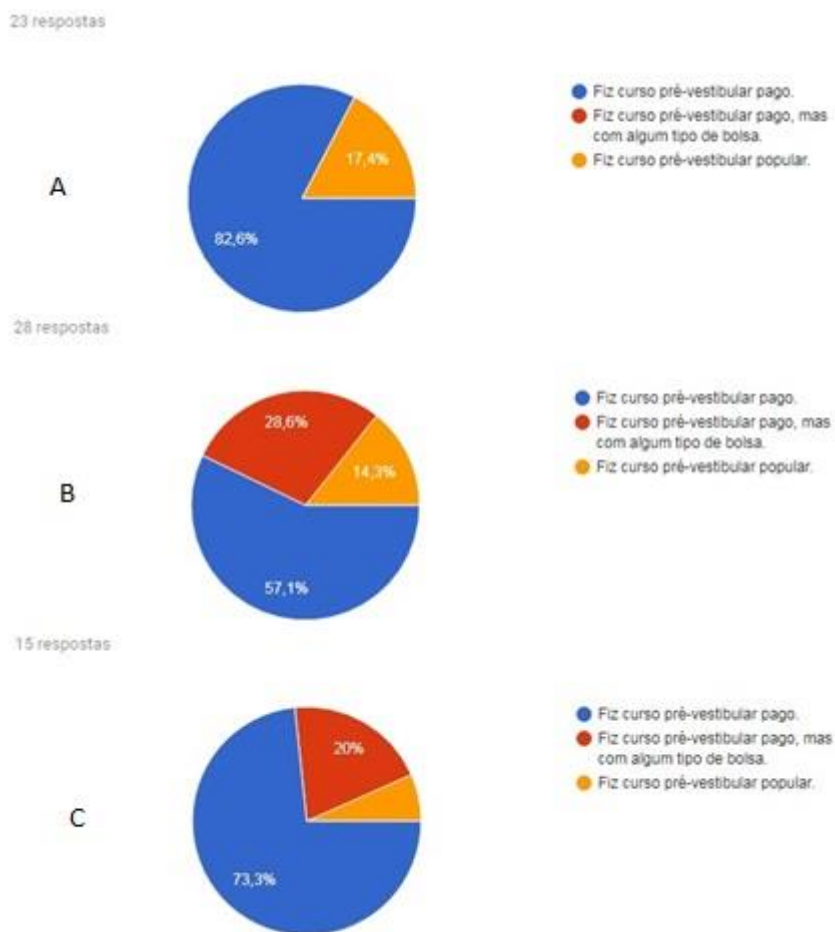


Figura 1: Porcentagens dos tipos de cursos pré-vestibulares feitos pelos estudantes de cada turma. Turma A: Anatomia Vegetal, cadeira do 2º semestre do curso (23 respostas, 4 estudantes oriundos de PVP). Turma B: Sistemática Vegetal III, cadeira do 4º semestre do curso (28 respostas, 4 estudantes oriundos de PVP). Turma C: Evolução Biológica, cadeira do 6º semestre do curso (15 respostas, 1 estudante oriundo de PVP).

Fica claro, então, o papel importante e efetivo desses espaços no processo de democratização da educação superior. Como professora do PEAC, um dos maiores PVPs da cidade, concordo com Zago (2008, pág. 155), quando a mesma se refere a esses cursinhos ao dizer que “a proposta de um trabalho que vincula teoria e prática e não se limita à preparação para o exame vestibular, mas dedica-se à formação no seu sentido mais amplo, como a promoção do espírito crítico e o exercício da cidadania.”. As próprias falas de dois estudantes, que participaram das entrevistas e cursaram esse tipo de pré-vestibular, confirmam essa visão.

Trecho 1: “*Luana:* Tá, e como foi tua trajetória durante esse ano, nesse espaço de educação, que é um espaço popular? O que tu pode me dizer sobre?”

Aluno: Eu senti uma vibe muito boa assim...ã..a relação dos professores com os alunos, eram turmas muito pequenas, então eles tinham um afeto maior assim de, sei lá, fazer uns encontros com os alunos

e fazer uns happy hours. Tentar desopilar bastante antes, sabe? Não ser aquela coisa de chegar lá e só um professor fazendo piadas e isso que é o cursinho. Acho que tinha uma ligação maior com os alunos, sabe?”

Trecho 2: *“Luana: E em relação aos professores, a preocupação, tu sentiu alguma diferença no curso popular quando comparado com o particular?”*

Aluno: Sim, com certeza. Eu me sentia muito mais à vontade pelo fato de ser muitos deles alunos e te deixavam muito mais tranquilos. Um contato bem mais próximo. Eles passavam toda a visão que tinham da universidade e muitas vezes te mostravam coisas que as vezes nem eram tão boas pra te deixar ciente de tudo. Enfim, foi muito divertido. Também eram pessoas bem mais jovens e tinham um contato bem mais próximo. Foi muito interessante.”

A produção bibliográfica sobre esses cursos é ainda reduzida, assim como não há informações sistematizadas sobre os seus resultados quanto ao acesso ao ensino superior de seus egressos, conforme observou Paulo (2005 *apud* ZAGO, 2008, pág. 154). Porém, acredito que, por menor que tenha sido esse trabalho, com os resultados alcançados foi possível ter uma confirmação de que esses espaços têm, sim, uma atuação ainda pequena, mas efetiva e essencial, fazendo a diferença na vida dessas pessoas. E pode-se esperar que, daqui para frente, os números de ingressantes por eles irão aumentar, propiciando a mais pessoas a oportunidade de acesso à universidade.

Seguindo a pesquisa, quando analisamos os resultados obtidos pelos questionários com relação ao tipo de formação no Ensino Médio dos estudantes, é possível perceber que, do total de 111 alunos que responderam o questionário, apenas 41 (36,9%) se formaram em escola pública. Em algumas turmas, o percentual de alunos que vieram dessas instituições ultrapassa a dos formados em escolas particulares, o que, ao primeiro olhar, parece ser uma porcentagem alta. Deve se levar em conta também o fato de que muitos estudantes esqueceram de responder a essa pergunta, podendo, então, ser maior esse número. É claro que, comparado com anos atrás, atualmente há de fato um aumento positivo no ingresso de estudantes oriundos do ensino público, porém, não chega a ser nem metade dos alunos participantes da pesquisa, o que assusta, já que se trata de uma universidade pública. Também, muito provavelmente, são esses os estudantes mais vulneráveis a desistirem do ensino superior e a se evadirem. Isso em razão, especialmente, da dificuldade de conciliar as exigências da academia e as exigências econômicas para se manter e não raro, contribuir para manter filhos e familiares.

É justamente para tentar amenizar esse tipo de desproporção que, nos últimos anos, além dos cursos populares, as ações afirmativas, como as cotas, têm sido utilizadas e cumprido um importante papel. Hoje, ter quase 37% desses estudantes vindos do ensino público, por mais que ainda seja pouco, é um grande avanço, que pode ser em muito explicado pela existência dessas ações. Além de estudantes de escola pública, as cotas também beneficiam negros, índios e pardos. Assim, o objetivo geral dessa política pública é a reparação das desigualdades históricas que conformam a estrutura das relações de uma sociedade, tendo como meta o reconhecimento de diferenças socioculturais e a promoção do acesso à universidade de segmentos da população que estiveram desprovidos de recursos simbólicos para fazer frente a desigualdades de oportunidades (Relatório CAF Anual, 2016, pág. 8).

Relembrando que a UFRGS em 2013 e 2014 ofereceu 30% das suas vagas para os estudantes cotistas, em 2015 40%; e a partir de 2016, a reserva de vagas passou a ser de 50% do total das vagas oferecidas, segundo o próprio site da universidade¹. Dos 111 estudantes participantes da pesquisa, 32 (28,8%) entraram na faculdade pelo sistema de cotas. Aqui, chamo a atenção para o fato de ser possível notar o aumento dessa oferta de vagas ao longo dos anos. Devido aos diferentes números de estudantes por turmas, a comparação não se dá de maneira idêntica entre elas, contudo é perceptível que há um aumento na proporção de alunos cotistas nos semestres mais recentes, quando comparado com mais antigos, como é demonstrado na imagem abaixo.

¹ <http://www.ufrgs.br> (Acesso em: 26 dez 2017)

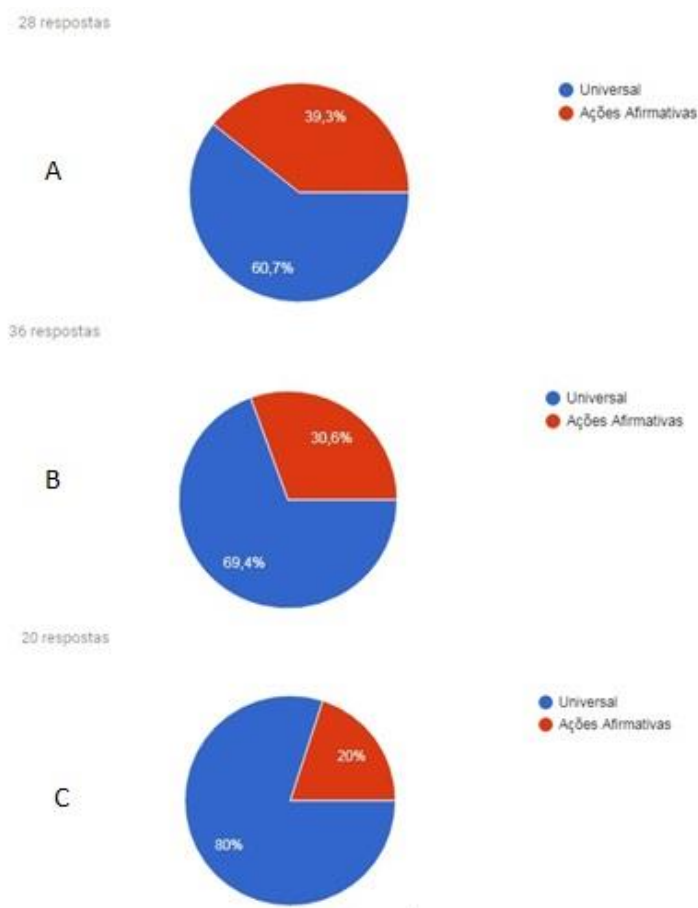


Figura 2: Diferenças na porcentagem de cotistas por turma. Turma A: Anatomia Vegetal, cadeira do 2º semestre do curso (28 respostas, 11 cotistas). Turma B: Sistemática Vegetal III, cadeira do 4º semestre do curso (36 respostas, 11 cotistas). Turma C: Evolução Biológica, cadeira do 6º semestre do curso (20 respostas, 4 cotistas).

É importante frisar que, na turma de Anatomia Vegetal (2º sem.), dos 13 alunos que se formaram em escolas públicas, 11 entraram por cotas. Em Sistemática (4º sem.), 9 afirmaram terem vindo do ensino público e 11 marcaram que entraram por cotas. Essa discrepância de dados é explicada pelo fato de alguns alunos terem esquecido de especificar em que tipo de escola se formaram e confirma que é maior ainda o número desse grupo de estudantes. Por fim, na cadeira de Evolução (6º sem.), 10 se formaram em escolas públicas e 4 ingressaram pelas ações afirmativas. Chamo atenção para isso para demonstrar que a maioria dos estudantes que vêm do ensino público entra, de fato, pelo sistema de cotas. Poucos conseguem obter uma nota mais alta e, por mais que tenham se inscrito para concorrer pelas ações afirmativas, são aprovados pelo acesso universal.

Ainda sobre a questão das ações afirmativas e que com esse trabalho ficou realçado a importância de se ter aumentado a porcentagem da reserva de vagas, é o fato de ter havido

uma mudança nas proporções dos tipos de cotas dentre os alunos ingressantes. Embora, até agora haja o predomínio de pessoas brancas e com condições financeiras dentro da universidade, essa realidade vem se modificando, aos poucos, e fazendo dessa instituição um lugar com mais diversidade. Isso é possível de observar quando analisamos o perfil dos cotistas que ingressaram nos diferentes semestres da Biologia nos últimos anos, conforme é mostrado na figura a seguir.

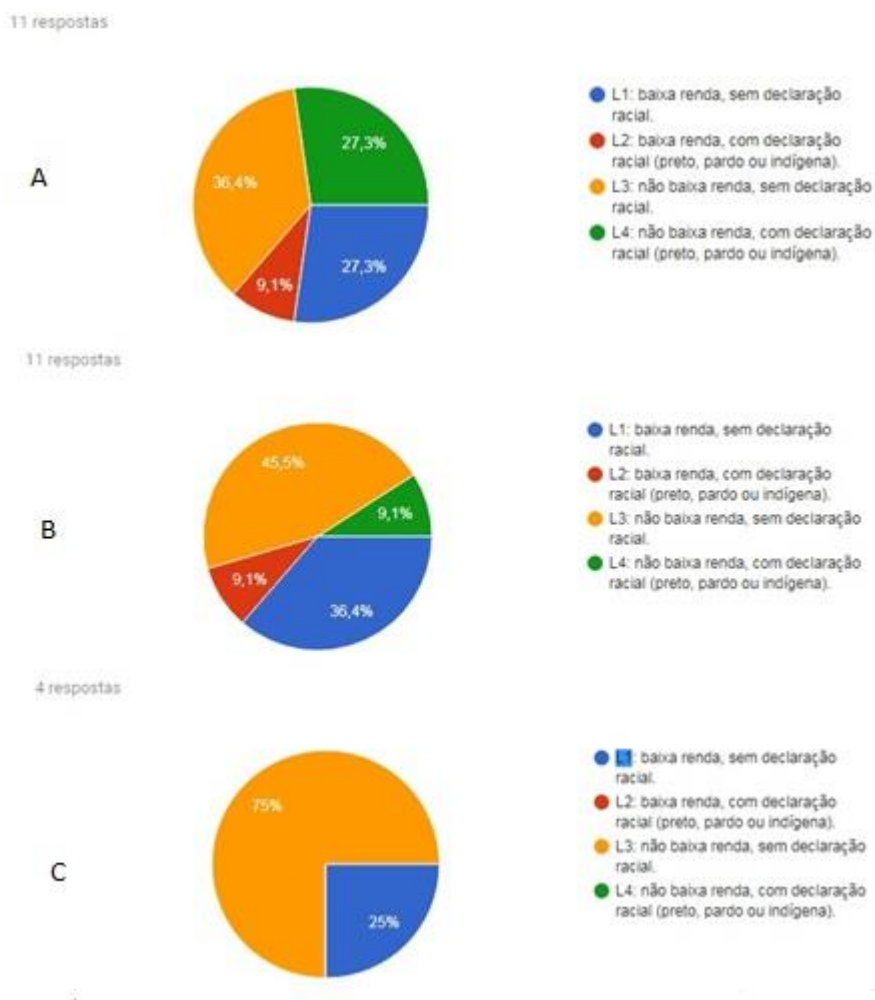


Figura 3: Diferenças na porcentagem dos tipos de cotistas por turma. Turma A: Anatomia Vegetal, cadeira do 2º semestre do curso (11 respostas: L1 - 3 alunos; L2 - 1 aluno; L3 - 4 alunos; L4 - 3 alunos). Turma B: Sistemática Vegetal III, cadeira do 4º semestre do curso (11 respostas: L1 - 4 alunos; L2 - 1 aluno; L3 - 5 alunos; L4 - 1 aluno). Turma C: Evolução Biológica, cadeira do 6º semestre do curso (4 respostas: L1 - 1 aluno; L3 - 3 alunos).

Nota-se que na turma de Evolução (6º sem.), que é mais para frente no curso, não há nenhum estudante negro, pardo ou índio. Na turma do 4º semestre, já há a presença de 2

estudantes com declaração racial. Por fim, na turma de Anatomia Vegetal (2º sem.), representada por gráfico, esse número dobra e vai para 4 estudantes com declaração racial. As turmas de Zoologia (4º sem.) e Paleontologia (6º sem.), que não estão representadas na imagem, contam com 2 e 1 estudantes com declaração racial, respectivamente. É positivo ver que há uma diversificação no público que está ingressando no ensino superior, contudo, é assustador, em pleno 2017, haver apenas 9 (8,1%) estudantes negros, pardos ou índios de um total de 111. Segundo Sousa *et al.* (2004) apenas 14% da população de pretos e pardos estão nas universidades de um universo que corresponde a 45,2% da população brasileira. Mais de 10 anos depois e a situação ainda é crítica.

Quanto a isso, outro ponto que acho importante tocar é o fato de se poder fazer uma relação entre o número de estudantes com declaração racial de cada turma e as respostas dadas para a pergunta “Cursar uma faculdade sempre foi algo que fez parte da sua realidade e de seus desejos?”. Na turma de Anatomia Vegetal (2º sem.), como foi dito, há 4 estudantes que assim se declaram e exatamente esse foi o número de respostas “não” para a pergunta. Na turma de Sistemática (4º sem.) há 2 alunos negros, pardos ou índios e 2 pessoas também responderam que não à pergunta. Em Zoologia (4º sem.), há 2 alunos com declaração racial e houve uma resposta negativa. Para as turmas de Paleontologia (6º sem.) e Evolução (6º sem.), que apresentam 1 e nenhum estudante negro, respectivamente, não houve nenhuma resposta negativa, ou seja, para 100% dos alunos dessas duas turmas fazer uma faculdade sempre foi plausível e desejado. De acordo com Zago (2006, pág. 230), para esse grupo de estudantes “chegar a esse nível de ensino nada tem de “natural”, mesmo porque parte significativa deles, até o ensino fundamental e, em muitos casos, ainda no ensino médio, possuía um baixo grau de informação sobre o vestibular e a formação universitária.” A mesma relação pode ser feita quanto ao número de estudantes cotistas e a porcentagem de famílias que nunca tiveram outra pessoa a cursar uma faculdade.

Graças a essas políticas públicas, de ações afirmativas, aos poucos essas classes menos favorecidas estão adentrando no ensino superior, o que é ótimo e também nos faz pensar: a universidade está adaptada e pronta para recebê-los? “A diversidade cultural não é uma característica histórica da universidade brasileira, pelo contrário, a convivência com a pluralidade étnico/racial e econômica é algo novo que traz, primeiro, uma quebra e paradigma estético vinculado ao homem branco, europeu e dotado de códigos universitários e, segundo, traz o desafio de relativizarmos os modelos de gestão e de avaliação das atividades

acadêmicas” (GRISA, 2013, pág. 112). Analisar, mesmo que de forma inicial, como se dá o percurso dentro da universidade após o ingresso também foi um dos objetivos do trabalho.

O curso de Biologia atualmente é diurno, prioritariamente com cadeiras no turno da tarde, com a maioria das aulas no Campus do Vale, perto da cidade de Viamão, e com previsão de duração de 4 anos. Logo que se entra no curso, há uma pressão para que se faça todas as cadeiras obrigatórias do semestre para não “ficar para trás”, sendo que esse número pode chegar à 10 disciplinas, dependendo da ênfase. Ao realizar a pesquisa, foi possível notar que os estudantes iniciam, de fato, fazendo mais cadeiras (de 6 para cima) e, após alguns semestres de experiências no curso, diminuem, fazendo em torno de 4 a 6. Essa diminuição se dá pelo fato de as cadeiras serem, em geral, muito pesadas e com muitas cobranças, fazendo com que a carga horária seja excessiva. Para ilustrar isso, utilizo de falas feitas nas entrevistas e algumas respostas dadas nos questionários quanto as dificuldades encontradas no curso:

Trecho de entrevista: *“Aluna: [...] E a carga extra curricular, né? Porque tipo assim ó: a cadeira é de dois créditos, mas tu tem que ler cinco capítulos. Aí não faz sentido ter dois créditos. Faz uma cadeira de quatro créditos, então, que daí eu tenho uma prova só, não tenho 8 provas de cinco capítulos. Eu acho que é uma disparidade entre quantidade de conteúdo e quantidade de créditos. Isso dificulta assim. Tu pega 26 créditos e pensa “ah, não é muito, olha a galera da arquitetura”. Mas pra galera da arquitetura 26 créditos é 3 cadeiras. Pra nós 26 créditos é 6 cadeiras. Isso quer dizer que são 12, 18 provas num semestre. Que ser humano que vive com 6 provas numa semana?”*

Respostas dos questionários quanto às dificuldades encontradas (todas as respostas dessa categoria estão no anexo 5):

“dificuldade de acompanhar as matérias, por ser muita coisa”; “excesso de cadeiras e créditos obrigatórios”; “conflito de horários, conteúdos e trabalhos excessivos ou pesados (prova única)”; “cumprir cadeiras obrigatórias no período certo, acompanhar determinados tipos de avaliação”; “pouco tempo para atividades não acadêmicas e estudos”.

Essas falas não se restringem apenas à estudantes que vieram de escolas públicas e/ou cotistas. Elas são dos alunos em geral do curso e certamente esses problemas não são exclusivos da Biologia. Muitos cursos devem sofrer com essa carga excessiva de atividades, fazendo com que os alunos façam menos cadeiras por semestre e acabem se atrasando. Inclusive com os resultados, é notável que em todas as cadeiras há um número significativo de estudantes que não estão as fazendo na seriação recomendada. Segundo Grisa (2013), na

UFRGS no máximo 30% dos alunos se formam no tempo mínimo do curso e por essa razão é que todos têm o direito de se formar no dobro do tempo de duração do seu curso.

Se para o estudante branco e com condições financeiras essas questões já são uma dificuldade para completar o curso, há de se imaginar o quão mais difícil deve ser para o aluno de baixa renda e/ou negro que entrou por cotas. A maioria deles precisa trabalhar para se sustentar, porém, com esse excesso de obrigações acadêmicas e horários conflitantes, conseguir um emprego fora da universidade fica quase impossível, a não ser que se faça um mínimo de créditos e se atrase ainda mais no processo de formação, correndo o risco de não dar tempo. Essa foi uma das questões em algumas falas das entrevistas, como é ilustrado abaixo:

Trecho 1: *“Aluna:[...] Eu sou uma pessoa que não precisa trabalhar, porque se precisasse, eu não sei como seria. Biologia é inviável pra quem quer trabalhar fora da universidade. Não tem só noturno, não tem só diurno, é uma mistura.”*

Trecho 2: *“Luana: E quais as dificuldades que tu encontra pra cursar a faculdade e as dificuldades dentro do curso de Biologia, especificamente?”*

Aluana: Ah, eu acho que na faculdade em geral seja só essa questão dos horários da UFRGS, do tipo, se eu quisesse trabalhar. Eu to fazendo agora o estágio obrigatório, então tá sendo bem complicado de tá tendo que vir até Vale todos os dias. Isso é bem pesado. Então eu sei que se eu quisesse trabalhar, por exemplo, durante toda a graduação, teria sido muito difícil. Então eu acho que esse é o principal empecilho.”

Nas respostas dadas nos questionários para as maiores dificuldades encontradas isso também apareceu em falas como: *“horário das aulas, impossível estagiar fora”*; *“horários das cadeiras que dificultam trabalho de 40 horas semanais”* e *“ser muito complicado trabalhar de carteira assinada durante graduação”*. Talvez seja esse um dos motivos que a procedência de alunos matriculados no ensino superior privado continua predominantemente de alunos do ensino médio público (SEMESP, 2015), já que essas instituições, mesmo que pagas, apresentam horários melhores que possibilitam o estudante trabalhar.

Como na UFRGS não há muito essa possibilidade, a maioria dos estudantes recorrem às bolsas que a universidade oferece. É ainda uma chance de ter uma experiência nas diferentes áreas da Biologia ou na docência. O problema é que essas bolsas exigem, em geral, uma carga de 20 horas semanais e pagam o mísero valor de R\$400,00. Assim, além de uma

excessiva carga de cadeiras, os alunos precisam se dividir com essas outras atividades, que pode levar a um prejuízo no desempenho acadêmico. Por isso que são poucos os que ainda conseguem ter outras ocupações para além da academia. Como ressalta Zago (2006, pág. 235) “não raro, às dificuldades econômicas associam-se à outras, relacionadas ao quadro complexo da condição estudante. Há uma luta constante entre o que gostariam de fazer e o que é possível fazer, materializada em uma gama variada de situações: carga horária de trabalho, tempo insuficiente para dar conta das solicitações do curso e outras, de ordem social e cultural, condicionadas pelos baixos recursos financeiros (privar-se de cinema, teatro, espetáculos, eventos científicos, aquisição de livros e revistas etc.).”

Além de questões de horários e dificuldade de trabalhar, outro ponto que apareceu muitas vezes na parte das dificuldades encontradas pelos alunos, é a forma como os conteúdos são trabalhados e a postura dos professores. A Biologia em si é uma área que possui muitos nomes e termos. O problema surge quando os docentes, que dão uma cadeira e são especialistas naquele determinado assunto, querem que os estudantes também saibam todos os detalhes do detalhe, sendo que, provavelmente depois dessa cadeira, eles nunca mais verão isso, a não ser que trabalhem nessa área. Se fosse só em uma cadeira, seria tolerável, mas pensar que isso se repete nas 4, 5, 6 ou mais cadeiras feitas por semestre, se compreende a reclamação dos alunos quanto a isso. Respostas como “*disciplinas que exigem decoreba*” e “*avaliações que cobram decoreba e não aprendizado real*” devem servir como ponte para uma reflexão da ação docente no curso de Biologia da UFRGS e no ensino superior como um todo.

A cobrança de muitos termos não é o único problema referente ao ensino em si. Há muito a ser pensado, questionado e melhorado quando se fala em qualidade e práticas educacionais. Os professores da Biologia na UFRGS, em geral, estão acomodados na sua forma de dar aula e não se atualizam, mantendo, segundo as respostas de estudantes da pesquisa, “*uma didática péssima e ultrapassada*”. É muito mais fácil dar uma aula em slides do que se questionar e sair da zona de conforto. Acredito que em cursos em que há pesquisa científica, como é o caso da Bio, muitos professores estão mais preocupados em se dedicar para suas pesquisas e laboratórios do que para suas aulas, deixando a docência para segundo plano. Falas como “*professores que não ouvem os alunos*”; “*alguns professores que parecem ter orgulho em ter a cadeira que "ferra" os alunos*”; “*poucos professores que motivam o interesse*” e “*professores mais interessados em serem pesquisadores do que dar boas aulas*” não deveriam estar presentes na universidade eleita mais uma vez como a melhor do Brasil

(MEC, 2017). A UFRGS diz que se mantém baseada em um tripé: educação, pesquisa e extensão. Porém, às vezes parece que dois apoios desse tripé são subestimados e que apenas a pesquisa basta.

Ainda há a questão de os professores não estarem preparados e adaptados para lidar com a diversidade de alunos que vêm adentrando nesse meio. Para alguns estudantes participantes da pesquisa, uma de suas dificuldades é o fato de não conseguirem ter pleno acompanhamento das cadeiras, conforme é visto em falas como: “*não aprendi direito conceitos básicos de cadeiras iniciais, o que prejudica durante o resto do curso*”; “*ter iniciado sem saber estudar*”; “*complexidade de alguns assuntos que não domino*”; “*falta de conhecimento prévio de alguns assuntos*” e “*falta de preparação em algumas cadeiras como química e física*”. Aqui fica explícito mais uma vez que muitos estudantes entram na universidade com uma grande defasagem oriunda da educação básica, e carregam essas dificuldades consigo, o que pode se tornar mais um fator que atravanca a permanência deles na universidade. Assim, caberia também aos docentes estarem abertos, respeitando o tempo e a história de cada indivíduo, para auxiliar e facilitar mais a cada um em seu processo de aprendizagem.

Gregório Grisa (2013) fala que os estudantes negros que vêm da escola pública saem prejudicados quando são tratados da mesma forma que um estudante branco que estudou a vida inteira em escola privada, uma vez que sabemos que toda a universidade e suas práticas são baseadas em uma cultura eurocêntrica. Dessa maneira, “sem se ver dentro dos conteúdos e sem ser valorizado no discurso acadêmico, esse aluno negro tende a acreditar que a construção de um conhecimento de excelência dificilmente será produzido com a sua participação” (GRISA, 2013, pág 114). Como consequência desse padrão, há uma minoria de estudantes cotistas ocupando os espaços acadêmicos, como bolsas de pesquisas, e existe uma dificuldade de inserção na vida universitária, conforme complementa o autor, que pode contribuir para a evasão desses espaços.

De acordo com Carvalho (2006 apud CAÔN; FRIZZO, 2010, pág. 7) “as camadas de baixa renda não necessitam apenas de gratuidade integral ou parcial para estudar, mas de condições que apenas as instituições públicas, ainda, podem oferecer, como: transporte, moradia estudantil, alimentação subsidiada, assistência médica disponível nos hospitais universitários e bolsas de trabalho e pesquisa”. Deforma à auxiliar na permanência dos estudantes dentro da universidade existem políticas e ajudas financeiras. No caso da UFRGS, existe a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), que foi criada em dezembro de 2012

com o objetivo de tratar dos aspectos relativos à política de atendimento à comunidade discente da universidade. Esse setor oferece benefícios para os estudantes que precisam, como: auxílio alimentação (restaurante universitário gratuito), auxílio saúde, auxílio transporte (50 passagens por mês); auxílio creche (R\$250,00 por mês) e auxílio material de ensino (R\$180,00 por semestre). Dos estudantes participantes, no total 16 recebem algum desses auxílios ou mais de um junto. Alguns afirmam que essa ajuda é suficiente, contudo, outros dizem ser muito pouco, já que não condiz com a realidade. Um exemplo que trago para ilustrar isso são duas falas de uma das entrevistadas:

Trecho 1: *“Luana: Quais as dificuldades tu encontras pra estar dentro da faculdade e dentro do curso de Biologia especificamente?”*

Aluno: Os horários. A todo momento parece que a universidade não te quer aqui, por tu não ter grana, não sei. A minha maior dificuldade agora é não poder trabalhar, sabe? Tem dias que eu não tenho como vir pra faculdade. Eu preciso pedir dinheiro pra família, pra diversas pessoas pra que eu possa vir pra faculdade. Então, o mais difícil agora, durante todo esse curso, tem sido me manter aqui, poder vir pras aulas

L: Tu recebe algum apoio?

A: Eu recebo auxílio, mas são três campus e te dão 50 passagens, que dá pra metade do mês e o resto tu tem que te virar. Eu tenho bolsa de iniciação também, mas é mísera e aí tem que complementar as passagens, tenho que me alimentar quando não tem RU. Enfim, tem outros gasto, né?”

Trecho 2: *“Luana: E em relação ao auxílio tu acha que deveria aumentar?”*

Aluno: Sim, com certeza. Deveria ser proporcional. Se eu vou fazer aula em três campus, que fosse proporcional a esses três campus. Eu gasto também com deslocamento, porque se eu tenho uma bolsa aqui no Vale e eu tenho que me deslocar pra outro campus e depois voltar pra cá pra ter aula é muita coisa. Mesmo a bolsa, tu não recebe passagem pra ela. Então tu gasta também com isso.”

Assim, respondendo a um questionamento próprio feito no início do trabalho, a UFRGS tem mecanismos para promover a permanência e oferecer ajuda aos estudantes, porém, ainda não é da forma e em valores suficientes para que isso ocorra de maneira plena e satisfatória. Ainda porque, com um total de 32 cotistas participantes da pesquisa, apenas 16 estudantes recebem auxílio da universidade.

A questão do deslocamento foi algo que não surgiu apenas nessa entrevista, mas em várias outras respostas dadas nos questionários. O fato de a UFRGS contar com diversos campus faz com que muitas vezes os estudantes tenham aula em mais de um no mesmo dia, o

que se torna um incômodo, já que há maior gasto com passagens e de tempo esperando um ônibus e se locomovendo. O próprio Campus do Vale, que é onde ocorre a maior parte das aulas do curso, fica quase em outra cidade, sendo extremamente longe para muitos estudantes. Em uma rotina que já é pesada, isso é algo que traz mais estresse. Dessa forma, o ideal seria que houvesse uma mudança no currículo no sentido de promover a concentração das aulas em um campus apenas ou, no mínimo, que fosse programado que as aulas em um campus fossem deixadas no mesmo dia e as em outro campus, em outro dia. Isso já facilitaria a vida dos universitários. Além disso, como já se cogitou fazer, deve haver um ônibus universitário que transporte gratuitamente os estudantes de um campus à outro.

Após a discussão sobre questões de acesso e de dificuldades, acho importante falar um pouco sobre a escolha do curso. Esse não foi um dos pontos centrais do trabalho, mas trouxe boas reflexões. A partir dos resultados, deu para notar que a maioria dos estudantes escolhe fazer o curso de Ciências Biológicas por motivos definidos como “*interesse pela área*” que pode ser semelhante ao “*amor pelos animais e plantas*” e ainda a “*matéria que mais gostava na escola*”, entre outras respostas semelhantes. O fato que gostaria de levantar aqui, é que poder escolher e fazer uma graduação pela qual se tenha real vontade, pode ser visto como outro privilégio de alguns. Isso porque, segundo Zago (2006, pág. 231), para estudantes de classes baixas, que pouco acessam a universidade, “a escolha do curso geralmente recai naqueles menos concorridos e que, segundo estimam, proporcionam maiores chances de aprovação”, não sendo, necessariamente um desejo do coração, mas sim uma representação de um investimento para ampliar suas chances no mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Alguns estudantes ainda afirmam que uma de suas motivações para essa escolha foi a influência de professores da escola e/ou cursinho. Nesse contexto, chamo a atenção para o fato de mesmo se reconhecendo a importância de professores e, muitas vezes sendo influenciado por eles, é uma minoria de estudantes que optam por seguir a área da docência. Dos 111 alunos que participaram da pesquisa, apenas 35 (31,5%) fazem licenciatura. Dados do Censo de 2012 (MEC) demonstram que em números absolutos, a quantidade de estudantes matriculados em cursos para a formação de professores é maior a cada ano, porém, esse crescimento não acompanha a evolução de matrículas em outros cursos de graduação.

Além do fato de a educação no Brasil enfrentar problemas e ser desvalorizada, o que leva muitas pessoas a não querer seguir esse caminho, no caso da Biologia essa grande diferença na percentagem de licenciandos e bacharéis, pode se dar por dois motivos

principais: há um maior número de cadeiras no currículo da licenciatura, o que o torna mais pesado, e o fato de ser um curso em que muitas pessoas entram para fazer ciência especificamente. Há uma frase de Paulo Freire que gosto muito por mostrar a dura realidade da carreira docente ao dizer: “Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário”.

Encerro essa discussão afirmando que é claro que estudar em uma universidade federal é ótimo, válido e tem muitas vantagens, mas é importante não fechar os olhos para os muitos problemas que ainda existem dentro dela. Isso para justamente poder se fazer algo a respeito e cada vez mais, não apenas aumentar a qualidade, mas aumentar a sua efetividade ao permitir o acesso, a permanência e o sucesso dos grupos menos favorecidos da sociedade. Como vimos, não são poucos os desafios e percalços que os estudantes enfrentam quase que diariamente para estar em uma instituição como a UFRGS. Dificuldades essas que se tornam maiores quando pensamos nos universitários antes excluídos e que, hoje estão, com passos de formiga, conquistando esse espaço e o tornando mais diverso. É, inclusive, muito comum ouvirmos falar que devido a todos esses empecilhos que foram abordados aqui, muitos desses estudantes desistem. De fato, alguns não conseguem terminar seus estudos, contudo, o Relatório CAF Anual de 2016 (pág. 15), que é um documento que sai de tempos em tempos avaliando o desempenho dos cotistas na universidade, afirma que não há diferenças significativas entre cotistas e não cotistas em termos de evasão, sendo que, em alguns cursos a evasão é inferior entre os cotistas. O que pode haver, porém, são diferenças significativas de maior retenção acadêmica dos cotistas especialmente nos cursos que já apresentavam estruturalmente tal tendência. Diante de tudo o que foi falado no trabalho, esse dado pode ser visto como uma ponta de esperança para nos apegarmos e vermos as coisas por um lado mais positivo, afinal, eles podem ter dificuldade em entrar, mas entram para ficar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos avanços promovidos pela lei das cotas que atinge as universidades públicas, é de extrema importância que essas questões sejam mostradas e discutidas na sua forma mais crua para que haja um apelo e sensibilização para a realidade de milhares de brasileiros. Eu mesma em vários momentos vivi minha graduação dentro da “minha bolha”. Apenas quando realizei meus estágios obrigatórios, que fui vivenciar o ensino público, e

quando entrei como professora no pré-vestibular popular PEAC é que compreendi, de fato, o quanto sou privilegiada e comecei a pensar mais sobre essas questões.

Construir uma universidade democrática em uma sociedade desigual é um grande desafio (INGRASSIA, 2013, pág. 34). Esse é um processo lento, muito mais social do que econômico, marcado por diversas lutas difíceis, mas que graças à movimentação das classes populares, ele vem ocorrendo e ganhando espaços. Mecanismos como a existência dos cursinhos populares gratuitos e políticas públicas, como as cotas, advindas de conquistas populares, tornam o acesso à universidade cada vez menos distante da comunidade. Mas o ideal mesmo, para que o acesso nas universidades se democratize de fato, é olhar para a educação básica, investir muito mais e tomar medidas que eliminem as desigualdades que hoje vigoram, bem como o vestibular como processo seletivo.

Dentro das instituições de ensino superior deve haver mudanças para incluir, de fato, esses estudantes. É necessário deixar um pouco de lado a cultura da excelência acadêmica, baseada apenas em valores brancos fixados e rígidos, e passar a levar mais em conta diferentes culturas, como a popular oriunda de negros, pardos, índios, homossexuais, transsexuais, entre outras. É preciso que a universidade se questione sobre sua lógica de funcionamento, suas dinâmicas e compromisso social para inverter lógicas e tornar esses espaços lugares diversos e acolhedores.

Nesse contexto, é fundamental que se alterem os currículos de curso que hoje existem. Quando a estrutura curricular não contempla a maioria dos estudantes, causa desmotivação e dificuldades em continuar e concluir os estudos. Quanto ao curso de Biologia da UFRGS, é importante frisar que, baseado na luta e reivindicações dos alunos, junto com alguns integrantes do corpo docente e direção, por alguns semestres, foi obtida a conquista de um novo currículo reformulado e que atende mais as demandas dos alunos. Ele passará a vigorar a partir de 2019 e é composto por menos cadeiras obrigatórias e maior possibilidade de escolha de cadeiras eletivas, que podem ser escolhidas ao gosto do estudante. Que essa mudança possa ser usada como exemplo para outros cursos.

Após toda a análise dos resultados, ficou claro que a diminuição dos créditos obrigatórios e da carga horária como um todo é essencial. Porém, pouco adianta fazer isso, se a postura dos professores não mudar também. É necessário rever práticas pedagógicas e a relação professor-aluno. O professor precisa ver o estudante para além de um número de matrícula e estar mais disposto a ajudá-lo, não se limitando ao “despejo” do conteúdo e termos científicos.

Cabe a universidade também investir em oferecer melhores e maiores auxílios aos seus estudantes. Para isso é imprescindível que haja o reajuste dos valores, como o da bolsa, que há muitos anos se mantém no mesmo valor de R\$400,00 e não acompanha a mudança de custo de vida. Isso não deve se limitar apenas a questões financeiras, também deve haver um aumento na prioridade em cuidar da saúde mental dos alunos. Como foi visto, a graduação pode não ser nada saudável com relação às suas pressões. Muitos universitários sofrem com problemas psicológicos e uma das causas é a faculdade e toda a carga que vem com ela.

Há um longo caminho a percorrer e muitas mudanças ainda a serem feitas para a real democratização do ensino superior,mas muitos avanços já foram obtidos e para que isso siga ocorrendo “as chamadas minorias, por exemplo, precisam reconhecer que, no fundo, elas são a maioria” (FREIRE, 1997 *apud* ALBUQUERQUE; PAULO, 2013, pág. 77) e que a revolução deve ser feita fora e dentro da universidade!

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, P.P.; PAULO, F. dos S. **Universidade e Educação Popular. A conexão possível e necessária.** Experiências Emancipatórias e Educação: A Docência e a Pesquisa. 1ª edição. Porto Alegre: Editora Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2013.

ABOUD, S. *et al.* **A Universidade e o Pré-Vestibular Popular.** Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte, 2004.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Disponível <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm> Acesso em: 19 nov 2017

CAÔN, G. F; FRIZZO, H. C. F. **Acesso, equidade e permanência no ensino superior: desafios para o processo de democratização da educação no Brasil.** UFSJ, Vertentes, v. 19, nº 2, São João del Rei, 2010.

CHAER, G. *et al.* **A técnica do questionário na pesquisa educacional.** Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

COSTA, S. G. **A permanência no ensino superior no Brasil: uma análise das políticas de assistência estudantil.** IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. Florianópolis, 2009.

FREIRE, P. **Que Fazer: Teoria e Prática em educação popular.** 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

GRISA, G. **Ações afirmativas e a excelência acadêmica.** Experiências Emancipatórias e Educação: A Docência e a Pesquisa. 1ª edição. Porto Alegre: Editora Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2013.

INEP. **Censo da Educação Superior 2016: notas estatísticas.** Disponível: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf> Acesso: 19 nov 2017.

JÚNIOR, A. F. de B.; JÚNIOR, N. F. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos.** Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

KIMIECIKI, D. **Educação e diálogo em Paulo Freire. Os desafios da formação humana.** Experiências Emancipatórias e Educação: A Docência e a Pesquisa. 1ª edição. Porto Alegre: Editora Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2013.

KRAINSKI, L. B. **Acesso e permanência no Ensino Superior: perspectivas de democratização.** 3º Congresso Nacional de Educação. UEPG, 2011.

MEC. **Lei de Cotas para o Ensino Superior: perguntas frequentes.** Disponível: <<http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>> Acesso em: 19 nov 2017.

MINAYO, M. C. de S; SANCHES, O. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cad. Saúde Pública vol.9 no.3. Rio de Janeiro, July/Sept. 1993.

NOGUEIRA, F. **Panorama da produção científica sobre cotas para ingresso na educação superior no período 2003-2012. O que interrogam as pesquisas?** Experiências Emancipatórias e Educação: A Docência e a Pesquisa. 1ª edição. Porto Alegre: Editora Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2013.

OLIVEIRA, C. S. de; DE FREITAS, A. M.; CÔRREA, M. B. **Contribuições dos cursos pré-vestibulares populares no fortalecimento da educação popular no Rio Grande do Sul.** UFSM, Santa Maria, 2012.

ORTEGA, E. M. V. **Ensino médio público e o acesso ao ensino superior.** Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, nº 23, jan-jun/2011.

PANIZZI, W. M. **Universidade pública, gratuita e de qualidade.** 1ª edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PEREIRA, T. I. **Pré-vestibulares populares em Porto Alegre: na fronteira entre o público e o privado.** Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

PEREIRA, T. I. **Universidade pública e popular: reflexões sobre a experiência da UFFS.** Experiências Emancipatórias e Educação: A Docência e a Pesquisa. 1ª edição. Porto Alegre: Editora Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2013.

PEREIRA, T. I.; RAIZER, L.; MEIRELLES, M. **A luta pela democratização do acesso ao ensino superior: o caso dos cursinhos populares.** REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 17, n. 1, Passo Fundo, p. 86-96, jan./jun. 2010.

PRAE. **Programa de Benefícios.** Disponível: <<http://www.ufrgs.br/prae/dsssae>> Acesso em: 28 dez 2017.

SAMPAIO, B.; GUIMARÃES, J. **Diferenças de eficiência entre ensino público e privado no Brasil.** Econ. Apl. vol.13 no.1, Ribeirão Preto, Jan./Mar. 2009.

SEMESP. **Mapa do Ensino Superior no Brasil 2015.** Disponível: <<http://convergenciacom.net/pdf/mapa-ensino-superior-brasil-2015.pdf>> Acesso em: 26 dez 2017.

UFRGS. **A Lei de Cotas.** Disponível: <<http://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/acoesafirmativas/a-lei-de-cotas>> Acesso em: 26 dez 2017.

UFRGS. **Relatório Anual CAF 2016.** Disponível: <<http://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/relatorio>> Acesso em: 28 dez 2017.

SILVA, L. R. C da *et al.* **Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente.** IX Congresso Nacional de Educação. Paraná, PUCPR, 2009.

ZAGO, N. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares camadas populares.** Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.

ZAGO, N. **Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas.** Revista PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 26, n. 1, 149-174, jan./jun. 2008.

ZITKOSKI, J. J. **A universidade na América Latina. Algumas encruzilhadas diante do futuro de nosso continente.** Experiências Emancipatórias e Educação: A Docência e a Pesquisa. 1ª edição. Porto Alegre: Editora Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2013.

7 ANEXOS

7.1. ANEXO 1 - Currículo atual do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da UFRGS.

Créditos Obrigatórios: 190
Créditos Eletivos: 14
Créditos Complementares: 8
Total: 212

Carga Horária Obrigatória: 3030
Carga Horária Eletiva: 210
Nº de Tipos de Créditos Complementares: 2
Total: 3360

Etapa 1

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
CBS05024	BIOLOGIA CELULAR I	Obrigatória	4	60
BIO02058	BIOLOGIA DE FUNGOS	Obrigatória	2	30
EDU02025	CAMPO PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA	Obrigatória	1	15
BIO99012	CAMPO PROFISSIONAL DO BIÓLOGO	Obrigatória	2	30
BIO11002	ECOLOGIA DO ORGANISMO	Obrigatória	2	30
FIS01038	FÍSICA PARA CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	Obrigatória	4	60
QUI01024	QUÍMICA INORGÂNICA AMBIENTAL	Obrigatória	2	30
QUI02020	QUÍMICA ORGÂNICA TEÓRICA FUNDAMENTAL	Obrigatória	4	60
BIO04001	ZOOLOGIA DE CAMPO	Obrigatória	4	60

Etapa 2

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
CBS05060	ANATOMIA HUMANA - BIO	Obrigatória	2	30
BIO02005	ANATOMIA VEGETAL	Obrigatória	5	75
BIO12007	BIOLOGIA MOLECULAR BÁSICA	Obrigatória	4	60
CBS01004	BIOQUÍMICA I-A - QUI02020 - QUÍMICA ORGÂNICA TEÓRICA FUNDAMENTAL	Obrigatória	4	60
BIO10003	MÉTODOS BIOFÍSICOS DE ANÁLISE - FIS01038 - FÍSICA PARA CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	Obrigatória	2	30
BIO02060	SISTEMÁTICA VEGETAL I - A	Obrigatória	2	30
EDU01005	SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO I - A	Obrigatória	2	30
BIO04002	ZOOLOGIA DE INVERTEBRADOS I - BIO04001 - ZOOLOGIA DE CAMPO	Obrigatória	4	60
	Grupo de Alternativas: - [1] Atividades Exigidas - [2] Créditos Exigidos			
EDU03024	ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA BÁSICA	Alternativa	2	30
EDU01022	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO: A EDUCAÇÃO E SUAS INSTITUIÇÕES	Alternativa	2	30

Etapa 3

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
BIO10004	BIOFÍSICA MOLECULAR E CELULAR - Créditos Obrigatórios - 40	Obrigatória	3	45
CBS01005	BIOQUÍMICA II-A - CBS01004 - BIOQUÍMICA I-A	Obrigatória	4	60
BIO07001	GENÉTICA I - BIO12007 - BIOLOGIA MOLECULAR BÁSICA	Obrigatória	5	75
CBS05530	HISTOLOGIA - BIO - CBS05024 - BIOLOGIA CELULAR I - CBS05060 - ANATOMIA HUMANA - BIO	Obrigatória	4	60
EDU01004	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO; HIST. DA ESCOLARIZAÇÃO BRAS. E PROC PEDAGÓGICOS	Obrigatória	2	30
BIO02030	SISTEMÁTICA VEGETAL II - BIO02060 - SISTEMÁTICA VEGETAL I - A	Obrigatória	4	60
BIO04003	ZOOLOGIA DE INVERTEBRADOS II - BIO04002 - ZOOLOGIA DE INVERTEBRADOS I	Obrigatória	4	60

Etapa 4

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
MAT02218	BIOESTATÍSTICA	Obrigatória	4	60
BIO11003	ECOLOGIA DE POPULAÇÕES E COMUNIDADES - BIO11002 - ECOLOGIA DO ORGANISMO	Obrigatória	4	60
CBS03043	FISIOLOGIA COMPARATIVA I - BIO10004 - BIOFÍSICA MOLECULAR E CELULAR - CBS01005 - BIOQUÍMICA II-A	Obrigatória	3	45
BIO07002	GENÉTICA II - BIO07001 - GENÉTICA I	Obrigatória	5	75
CBS06051	MICROBIOLOGIA - BIO - CBS01005 - BIOQUÍMICA II-A - CBS05024 - BIOLOGIA CELULAR I	Obrigatória	3	45
EDU03022	POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	Obrigatória	2	30
EDU01011	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I - A	Obrigatória	2	30
BIO02031	SISTEMÁTICA VEGETAL III - BIO02030 - SISTEMÁTICA VEGETAL II	Obrigatória	4	60
BIO04004	ZOOLOGIA DE CHORDATA I - BIO04003 - ZOOLOGIA DE INVERTEBRADOS II	Obrigatória	4	60

Etapa 5

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
CBS06052	BIOLOGIA DA RESPOSTA IMUNE - BIO10004 - BIOFÍSICA MOLECULAR E CELULAR - CBS06051 - MICROBIOLOGIA - BIO	Obrigatória	2	30
BIO11004	ECOLOGIA DE ECOSISTEMAS - BIO11003 - ECOLOGIA DE POPULAÇÕES E COMUNIDADES	Obrigatória	3	45
CBS05522	EMBRIOLOGIA - CBS05530 - HISTOLOGIA - BIO	Obrigatória	4	60
EDU02027	ENSINO E IDENTIDADE DOCENTE	Obrigatória	2	30
CBS03044	FISIOLOGIA COMPARATIVA II - CBS03043 - FISIOLOGIA COMPARATIVA I	Obrigatória	4	60
EDU02031	INTRODUÇÃO AOS ESTÁGIOS DOCENTES EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA - EDU02025 - CAMPO PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA	Obrigatória	4	60
BIO02008	INTRODUÇÃO À FISIOLOGIA VEGETAL - BIO02005 - ANATOMIA VEGETAL	Obrigatória	4	60
GEO04012	PROCESSOS SEDIMENTARES APLICADOS À BIOLOGIA - Créditos Obrigatórios - 70	Obrigatória	3	45
EDU01012	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO II - EDU01011 - PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I - A	Obrigatória	2	30
BIO04005	ZOOLOGIA DE CHORDATA II - BIO04004 - ZOOLOGIA DE CHORDATA I	Obrigatória	4	60

Etapa 6

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
BIO02009	ECOLOGIA VEGETAL I - BIO02031 - SISTEMÁTICA VEGETAL III	Obrigatória	3	45
EDU02X17	ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM BIOLOGIA - Créditos Obrigatórios - 112 - e EDU02025 - CAMPO PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA - e EDU02031 - INTRODUÇÃO AOS ESTÁGIOS DOCENTES EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA	Obrigatória	12	180
BIO07003	EVOLUÇÃO BIOLÓGICA - BIO07002 - GENÉTICA II	Obrigatória	6	90
GEO04013	PALEONTOLOGIA APLICADA À BIOLOGIA - BIO02031 - SISTEMÁTICA VEGETAL III - e BIO04004 - ZOOLOGIA DE CHORDATA I - e GEO04012 - PROCESSOS SEDIMENTARES APLICADOS À BIOLOGIA	Obrigatória	4	60
Grupo de Alternativas: - [1] Atividades Exigidas - [2] Créditos Exigidos				
EDU03025	EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO BRASIL: HISTÓRIA E POLÍTICA	Alternativa	2	30
EDU03041	PESQUISA EM EDUCAÇÃO I - A	Alternativa	2	30
EDU03023	POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	Alternativa	2	30
EDU01017	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO: O JOGO I	Alternativa	2	30

Etapa 7

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
EDU02X18	ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS - Créditos Obrigatórios - 112 - e EDU02025 - CAMPO PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA - e EDU02031 - INTRODUÇÃO AOS ESTÁGIOS DOCENTES EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA	Obrigatória	12	180
EDU01013	INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS	Obrigatória	2	30
EDU03071	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)	Obrigatória	2	30

Etapa 8

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
EDU01010	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO I	Obrigatória	2	30
	PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - EDU02X17 - ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM BIOLOGIA - e EDU02X18 - ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS	Obrigatória	0	180
Grupo de Alternativas: - [1] Atividades Exigidas - [4] Créditos Exigidos				

7.2. ANEXO 2 - Questionário aplicado nas turmas

O presente questionário faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso “Pré-vestibulares populares e o ingresso no curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: um estudo de caso.” da estudante Luana Vasconcellos Pereira. Ele é composto por questões quantitativas, em que basta marcar com “X” nos parênteses para SIM ou NÃO; de questões qualitativas, em que se pede respostas escritas mais aprofundadas; e de questões de caráter misto, em que se pede os dois tipos de informação. Algumas questões são específicas e devem ser respondidas apenas pelos(as) estudantes que se enquadram no caso. Qualquer dúvida estou à disposição.

Questionário

Nome (opcional): _____

Sexo: () Masculino () Feminino

2. Data de nascimento: ___/___/___

3. Ano de formatura do Ensino Médio: _____

4. Semestre de ingresso no curso Ciências Biológicas na UFRGS: _____

5. Tipo de Graduação: () Bacharelado () Licenciatura

6. Tipo de ingresso: () Universal () Ações Afirmativas

7. Se o ingresso foi por Ações Afirmativas, especifique o tipo:

() L1: baixa renda, sem declaração racial.

() L2: baixa renda, com declaração racial (preto, pardo ou indígena).

() L3: não baixa renda, sem declaração racial.

() L4: não baixa renda, com declaração racial (preto, pardo ou indígena).

8. Fez algum curso pré-vestibular antes de entrar na UFRGS?

Sim Não

9. Se fez curso pré-vestibular, responda:

Fiz curso pré-vestibular pago. Qual? _____

Fiz curso pré-vestibular pago, mas com algum tipo de bolsa. Qual? _____

Fiz curso pré-vestibular popular. Qual? _____

10. Se fez curso pré-vestibular, responda:

Fiz apenas 1 ano de curso pré-vestibular.

Fiz 2 anos de curso pré-vestibular.

Fiz mais de 2 anos de curso pré-vestibular.

11. Cursar uma faculdade sempre foi algo que fez parte da sua realidade e de seus desejos?

Sim Não

12. Outras pessoas da sua família cursam/já cursaram uma faculdade?

Sim Não

13. Você sempre quis fazer Ciências Biológicas?

Sim Não

14. Qual(is) sua(s) motivação(ões) para a escolha desse curso? _____

15. Quantas cadeiras (em média) você cursa por semestre?

- De 1 a 2
- De 2 a 4
- De 4 a 6
- Mais de 6

16. Você possui algum tipo de bolsa na faculdade?

- Sim. De que? _____
- Não

17. Você realiza alguma outra atividade além da faculdade (incluindo a bolsa, se tiver)?

- Sim. Qual(is)? _____
- Não

18. Qual(is) a(s) maior(es) dificuldade(s) que você encontra para realizar o curso? _____

19. Você recebe algum tipo de apoio/auxílio da UFRGS e/ou do Instituto de Biociências?

- Sim. Qual(is)? _____

Não

20. Se você recebe algum tipo de apoio/auxílio, é o suficiente para suas necessidades?

Sim

Não. Por quê? _____

21. Se você entrou por Ações Afirmativas e/ou cursou algum curso pré-vestibular popular, aceitaria contribuir para a segunda etapa dessa pesquisa, participando de entrevistas pessoais, com o intuito de aprofundar o tema?

Sim. Deixe seu email e/ou telefone para entrarmos em contato: _____

Não

Obrigada por sua participação!

7.3. ANEXO 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue junto ao questionário

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em participar na pesquisa de campo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Pré-vestibulares populares e o ingresso no curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: um estudo de caso.” desenvolvido por Luana Vasconcellos Pereira, de cartão UFRGS 00228622. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada por Denise Maria Comerlato, do Departamento de Estudos Especializados (DEE-FACED/UFRGS).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Atesto que estou ciente que tenho total liberdade de desistir de participar a qualquer momento. Por fim, fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é analisar a influência dos cursos pré-vestibulares populares no ingresso de estudantes de Ciências Biológicas na universidade.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

7.4. ANEXO 4 - Transcrições das entrevistas realizadas com alguns estudantes

7.4.1 Entrevista 1:

Luana: Como era o ensino na tua escola? Era voltado para vestibulares e ENEM?

Estudante 1: Sim. Eu estudava no Instituto Federal, em Bento, né? Que é da rede Federal, então tipo, era muito professor com mestrado, doutorado, então no meu último ano, no meu quarto ano, chegou uma época que os professores só davam coisas de ENEM e vestibular, até porque era uma demanda da nossa turma. Mesmo sendo técnico, mas ele é voltado pra ti poder conseguir fazer o que tu quiser assim, sabe?

L: E tu conseguiu entrar direto na UFRGS ou tu precisou prestar mais de um vestibular?

E: Não, eu passei direto, glória a Deus (risos). Não sei se eu faria de novo.

L: Mas tu fez cursinho, né?

E: Fiz um ano de cursinho particular.

L: E como foi tua trajetória nesse espaço de educação?

E: É, foi assim: eu sabia que eu não ia passar sozinha. Eu tava no meu último ano de ensino técnico, então eu tava fazendo estágio, relatório final e eu tinha que passar na UFRGS. Então eu sabia que não ia conseguir sozinha estudar sabe, aí eu falei com a minha mãe e tal. Aí eu paguei metade, metade não, paguei uma parte ridícula, sei lá quanto que era, uns três pau o cursinho assim. Eu paguei uma parte, uns 500 pila, 300 pila, um negócio simbólico (risos) e meus pais pagaram o resto. Como era a pergunta mesmo?

L: Como foi tua trajetória lá.

E: Meu deus, era um espaço estranho! Era bem estranho. Eu era a única mina negra do espaço. Eu tinha alguns amigos, mas bem poucos também, não me lembro até. Eu lembro muito mais dos professores do que dos colegas. Eu não me enturmava muito com galera, não.

L: Mas porque tu lembra mais dos professores? Eles tiveram alguma influência na tua decisão de curso?

E: Porque eles eram as pessoas que se comunicavam mais do tipo “como tu tá?” “tu tá muito estressada?” “tu quer fazer atendimento?” “vamos trocar uma ideia?”. Eles tinham mais essa preocupação com o meu estado psicológico, psíquico-mental assim. O resto...ã...eu fazia cursinho com uma colega só do ensino médio, acho que era alguma coisa assim. Então tipo, eu ficava meio que eu e ela só. Aí tinha mais essa coisa assim dos professores e eu me dava bem com os professores. Eu me divertia com eles. Eles eram aqueles professores de cursinho, né? Meio performáticos. Mas eles não tiveram muita influência na minha decisão.

L: Então o que te influenciou a escolher a Biologia?

E: O que me influenciou? Eu queria fazer Direito, porque eu queria arrumar o mundo. Aí eu percebi que eu não ia ter paciência pra ler tudo. Que eu não gosto de ler tanto. Hoje eu já tenho uma visão diferente de gostar de ler, mas naquela época eu tinha certeza que eu não gostava de ler. Aí eu tinha um professor de Biologia muito bom.

L: Mas no cursinho ou na escola?

E: Na escola. Foi meu professor de Biologia, que eu pensei “poxa, vou fazer isso, né? gosto de bicho, gosto de mato”. E daí foi como eu decidi. No cursinho não teve muita. Acho que talvez no cursinho me afirmava que eu não queria as outras coisas.

L: E as turmas desse teu cursinho, elas eram grandes?

E: Eram, eram. 50, 60 pessoas, sala cubícula.

L: E mesmo assim os professores conseguiam te dar um atendimento?

E: É que eu era assim ó, o que acontecia: como a minha rotina era das 7h às 23h, 7 da manhã às 23h da noite, eu não ia pra casa. Então o pessoal geralmente o que: tinha aula de manhã, ficava a tarde em casa e de noite ia pro cursinho. Eu não. Eu ia trabalhar de tarde, ai saia 17h30 do trabalho, comia um lanche na padaria da frente e ficava na frente do cursinho. Ai eu pegava revisão, eu ficava tomando chimarrão com a secretária. Então tipo assim, eu acabava tendo uma relação com as pessoas ali. Por isso, assim, porque eu ficava ali matando tempo, sabe? As vezes dormindo nuns cantos. E o pessoal era muito chega e vai. Mas também não era com todo mundo, era com alguns professores.

L: E mais contigo do que com os alunos em geral?

E: Sim. Era com alguns alunos e também os alunos repetentes, que ai tinha mais contato.

L: E em relação às motivações e influências que te fizeram escolher a Bio, tu mantém as mesmas hoje em dia? É isso que te faz permanecer e terminar o curso?

E: Eu acho que hoje eu tenho um pouco mais de clareza do que é a Bio. Antigamente eu achava que eu ia mexer com natureza, que eu ia pra campo, que eu ia fazer ciência de uma forma ou de outra assim. Eu acreditava um pouco mais na ciência. Hoje eu to bem descrente da ciência. Então isso pra mim é um conflito bem grande dentro da Bio. Mas eu tenho certeza do motivo, que é o motivo de conseguir mudar de alguma forma o mundo, que eu vejo que como professora, independente de qual matéria eu vou ser professora, mas como educadora eu tenho essa possibilidade. Então por isso, sim. Mantenho a mesma, mas uma reviravolta assim. Eu to meio que me agarrando nisso, agarrada na FACED, pelo amor de Deus, me deixa sair daqui, deixa eu sair daqui! (risos)

L: E desde que tu entrou no curso tu sabia que ia seguir na área da licenciatura?

E: Sim. Eu nunca troquei pra bacharel. Tu entra licenciado já, ai eu já fiquei.

L: E quais dificuldades tu encontra pra cursar uma faculdade, a UFRGS, e dentro do curso de Biologia, especificamente?

E: Começando que eu sou uma preta extremamente privilegiada, né? Por muitas histórias da minha família, eu sou uma preta que nasceu na classe média. Nunca faltou nada na minha casa. Então eu sempre tive a estrutura dos meus pais, de pagar meu aluguel aqui, de pagar meu rango aqui. Então assim, financeiramente nunca me faltou nada pra eu ta aqui na universidade. O que eu acho que falta aqui na universidade um pouco é esse contato mais humano assim. Eu sinto que tu é um número, uma matrícula e deu. Tu não é um ser humano, tu não tem necessidades, tu não chora, tu não faz amizade com teu professor, tu não faz amizade com teus colegas. É tu por ti e Deus por todos assim. E a Bio, eu acho que a Bio às vezes ela tem mais isso ainda, porque é aquela coisa, tipo assim, não é escancarado entre a galera que tá cursando, né? Mas tem esse sentimento de “meu, se tu quer um laboratório de Anatomia Vegetal, meu filho, tu vai ter que batalhar e passar por cima dos outros, porque é uma vaga que tem e essa vaga que tem, corre”.

L: Tu diz uma competição entre os alunos?

E: Não entre os alunos. É uma competição institucional assim, de tu ser melhor. Eu acho que assim, a questão do inglês é uma coisa que dificulta muito na Biologia. Muito. Porque não

existe nenhum curso preparatório. Eu sei que, por exemplo, engenharias e coisas assim, eles tem no verão cursinho de matemática pra galera entrar na universidade tendo uma base na matemática. A gente não, a gente entra na universidade e não tem nenhum cursinho preparatório pra inglês. Nem básico, nem assim inglês instrumental, que também não é obrigatória e é super difícil de conseguir essa cadeira. Já tentei várias vezes. De tu ter um mínimo de leitura em inglês, porque eles pegam pessoas do ENEM, que vieram do ENEM e tem extremamente dificuldade de aprender um “verbo tobe” 6, 7 anos e querem que a pessoa leia artigo de 3, 4 páginas por avaliação, entendeu? E o professor não te dá um reforço do tipo “vai na minha sala que eu te ajudo a traduzir ou meu monitor vai fazer traduções”. Nada disso. Então eu acho que essa obrigatoriedade do inglês ela dificulta muito a Biologia. E a carga extra curricular, né? Porque tipo assim ó: a cadeira é de dois créditos, mas tu tem que ler cinco capítulos. Aí não faz sentido ter dois créditos. Faz uma cadeira de quatro créditos, então, que daí eu tenho uma prova só, não tenho 8 provas de cinco capítulos. Eu acho que é uma disparidade entre quantidade de conteúdo e quantidade de créditos. Isso dificulta assim. Tu pega 26 créditos e pensa “ah, não é muito, olha a galera da arquitetura”. Mas pra galera da arquitetura 26 créditos é 3 cadeiras. Pra nós 26 créditos é 6 cadeiras. Isso quer dizer que são 12, 18 provas num semestre. Que ser humano que vive com 6 provas numa semana?

L: Sendo que além dessa disparidade de créditos, ainda são muitos créditos obrigatórios, né?

E: É, são muitos créditos obrigatórios. E não é a questão da quantidade de crédito em si. Porque tu pensa “ah, todas as tarde, tá.” Mas não é. É a quantidade de matéria, a quantidade de conteúdo, de memorização de palavras que tu precisa saber pra essas 5 cadeiras. E eu acho que até o horário em si, minha semana ela não fica sobrecarregada, porque eu não trabalho, entendeu? Eu sou uma pessoa que não precisa trabalhar, porque se precisasse, eu não sei como seria. Biologia é inviável pra quem quer trabalhar fora da universidade. Não tem só noturno, não tem só diurno, é uma mistura. Então acho que essas são as principais dificuldades: a exigência do inglês sem uma preparação, essa coisa meio salve-se quem puder “eu professor não estou aqui pra te passar todo o conteúdo, porque tu é menos que eu”, eu acho que o excesso de matéria por crédito. Acho que são essas.

L: Em relação a tudo isso que tu falou, meio que tu já foi citando, mas o que tu acha que poderia ser feito pra melhorar ou amenizar essas dificuldades pros alunos?

E: Eu acho que ou tu faz uma cadeira obrigatória de inglês pra ensinar inglês, pra ensinar a pessoa a ler. Não precisa conversação, áudio. Mas um mínimo de leitura e compreensão de texto, principalmente até questões biológicas. Um glossário, sei lá, uma coisa que te acompanhe durante a universidade, sabe? ã, eu acho que as pessoas têm que ter mais noção crédito e conteúdo. Se tu tem muito conteúdo, primeiro vamos enxugar esses conteúdos, que nem tudo é importante. Vamos enxugar porque tudo é muito importante pra pessoa que tá pesquisando. Pra quem nunca mais vai ouvir falar, talvez não seja tão importante isso aí. Então dá uma enxugada e dá uma avaliada se realmente em 2 créditos a pessoa consegue aprender tudo aquilo que eu tenho pra dar. Ou “o que eu vou fazer? se eu vou aumentar o crédito, que já é uma coisa que não querem fazer”. Na verdade tem que ser uma redução de conteúdos obrigatórios pra uma expansão de alternativas e eletivas. Acho que isso e também uma coisa que seria importante seria um espaço de estudo e descanso.

L: Adequado, né? Porque aquela nossa biblioteca...

E: Adequado. A biblioteca ela é insustentável. Mas um espaço assim, até... não que o DAIB não seja um espaço assim, mas as vezes tu não consegue ir ali e fazer um grupo de estudo no DAIB, porque às vezes tem muita coisa acontecendo. Mas assim, se tivesse esse espaço, até pro professor te dar um atendimento. Não ter que ser na sala dele, porque as vezes ele divide a sala com outro professor ou coisa assim. O monitor ter um espaço pra atender as pessoas. Geralmente as monitorias são tudo online, porque não tem espaço, não tem sala ou as salas tão ocupadas. Não tem laboratório de informática. Então assim, uma assistência estudantil maior mesmo, sabe? E eu acho que principalmente a questão do inglês assim é muito importante. Quando tu pensa, não na Biologia como ela é hoje, que é uma Biologia elitista afu, mas tu pensa nos territórios populares entrando na universidade. Galera vindo do ENEM, do ensino médio público. Não tem como exigir um inglês no nível que eles exigem. Não tem como se tu não tiver uma preparação.

L: Mas eu que minha vida inteira estudei em escola particular, passei a faculdade dependendo de Google tradutor pra me virar.

E: Eu digo assim: geralmente tu pensa “ah pessoa que tem mais o pai bota na natação, o pai bota no inglês, bota não sei aonde”. É outra vida, outra perspectiva. O que não é a realidade da galera que vai entrar na universidade. Porque a galera precisa entrar na universidade. Essa universidade não é da galera particular, da galera que tem grana. Essa galera que vá pra PUC. Que vá pagar UniRitter. É isso aí. Não tem o que falar. Pode botar no teu negócio (risos).

L: E tu já pensou alguma vez em desistir do curso?

E: Já pensei.

L: Por que?

E: Eu não desisti por causa dos meus pais, né. Porque? Porque as vezes parece que não faz sentido o que tu tá vivendo aqui dentro. Não é nada a ver com o que tu vai viver lá fora. Parece que tudo o que tu te ferrou aqui dentro alguém vai olhar pra ti e “pff, biólogo? serve pra nada”. E porque às vezes, cara, a universidade te prepara pra ser um técnico laboratorista? Não. A universidade te prepara pra trabalhar em UBS, postinho de saúde? Não. A universidade te prepara pra trabalha em escola pública? Não. Pra que a universidade me prepara?

L: Pra ser pesquisadora.

E: Pra ser pesquisadora. E eu não vou ser pesquisadora. Então assim: ou tu é uma coisa ou tu não deu certo. A universidade te vê assim, de uma certa maneira. Ou tu faz mestrado, doutorado e não sei o que, ou tu não deu certo. Tu não vingou, tu não entende a ciência. E tipo, ciência pra quem? Então eu acho que isso que me desanima. Agora que eu to na reta final, eu não quero saber de ciência. Ciência pra mim é uma forma de manipular a gente, de enganar a gente muito doidamente assim.

L: E agora na reta final, qual tua perspectiva daqui pra frente no curso e depois?

E: Aaah (risos) Faltam 10 cadeiras, tirando as que eu to fazendo esse semestre. Com o tcc. Então são muito poucas. E a minha perspectiva é... parece que eu não tenho opções, entendeu?. Ou eu faço mestrado ou eu vou sair da universidade sem emprego, ganhando mal, não sendo valorizada. Ou eu faço um mestrado com alguma pesquisa que provavelmente eu nem... sabe? Então hoje assim, a minha perspectiva é sobreviver às cadeiras que eu tenho pra fazer, que eu sei que vou sobreviver, mas não sei como, mas vou. E fazer um tcc que abra as

portas, que eu descubra alguma coisa que me faz bem pesquisar, que eu acho que é construtivo pro mundo e que eu ache que possa ser usado como uma forma de educação antirracista, principalmente, que é a área que eu trabalho. Vou começar a trabalhar agora, né. Então essas são minhas perspectivas: sobreviver. Porque assim, é difícil pra entrar e é difícil pra sair, principalmente psicologicamente. A universidade ela precisa, isso é uma das outras coisas da universidade: ela precisa ter uma assistência psicológica melhor. Ela não tem nenhuma assistência psicológica. E ela enlouquece a galera assim. Ela faz ser normal tu ter 5 provas por semana. Isso não é normal. Não é normal uma pessoa te avaliar de meio ano em uma tarde, duas horas. Isso não é normal.

7.4.2. Entrevista 2:

Luana: Então, como era o ensino na tua escola? Ele era bem voltado para vestibulares e ENEM?

Estudante 2: Então, não exatamente a escola era voltada para o vestibular, mas alguns professores eram mais pilhados assim. Eu lembro da professora de Português, Química, sei lá, algumas professoras que gostava de resolver exercícios, mas a escola não tinha nenhum amparo assim. Era meio professores tomando a frente, se não aqueles alunos iriam sair do terceiro ano e nem sabiam a prova que iam enfrentar.

L: E tu acha então que só com esse ensino tu teria conseguido passar na UFRGS?

E: Com certeza não. Tanto que eu não passei de primeira, né?

L: Ah, então tu fez mais de um vestibular?

E: Sim, mais de um vestibular. Ai eu terminei o ensino médio, fiz vestibular, aí não passei e fui atrás de um cursinho popular.

L: E como tu conheceu esse cursinho popular que tu fez?

E: Meio que nessa época eu curti umas páginas do PSOL e ai eu conheci o cursinho da Luciana Genro, que é o Emancipa.

L: E é esse o que tu fez?

E: Eu e uma amiga, a gente foi atrás, se inscreveu. Tinha uma coisa da baixa renda e a gente “nossa, é esse ai! Vamos tentar”. A gente foi lá, se inscreveu, era meio que um sorteio e a gente conseguiu, inclusive na mesma turma.

L: Ai que bom! E tu fez um anos ou mais de um ano de cursinho?

E: Fiz um ano de cursinho. Foi o ano que eu passei.

L: Então só esse cursinho tu acha que foi dai suficiente pra ti então entrar na UFRGS?

E: Foi o suficiente...é, eu acho que sim. Eu que não me engajei muito. Passei em último lugar na minha barra, mas passei. Mas talvez se eu tivesse estudado mais, não sei...enfim. Mas foi suficiente.

L: Tá, e como foi tua trajetória durante esse ano, nesse espaço de educação, que é um espaço popular? O que tu pode me dizer sobre?

E: Eu senti uma vibe muito boa assim...ã..a relação dos professores com os alunos, eram turmas muito pequenas, então eles tinham um afeto maior assim de, sei lá, fazer uns encontros com os alunos e fazer uns happy hours. Tentar desopilar bastante antes, sabe? Não ser aquela

coisa de chegar lá e só um professor fazendo piadas e isso que é o cursinho. Acho que tinha uma ligação maior com os alunos, sabe?

L: Uma preocupação?

E: Uma preocupação, com certeza.

L: E tu acha que os professores desse cursinho te influenciaram a escolher a Biologia ou foram outras coisas, outros fatores que te influenciaram a escolher a Biologia para cursar?

E: Eu acho que foram outros. Eu não tive influência de professores de cursinho.

L: Nem professora da escola?

E: Professor da escola sim. Tinha uma professora muito maravilhosa, que a gente adorava. Não só por ela ser professora de Biologia, mas por ela ser maravilhosa e casualmente ela era professora de Biologia. Mas não foi só isso também. Eu tinha uma coisa da família assim, tipo minha família me ajudou muito, ã, dizendo o que eu tinha que fazer, porque achavam que era minha cara. Eu não conseguia ver, que eu queria fazer. E a minha mãe é amiga de uma professora de Genética aqui da UFRGS e daí eu resolvi conversar com ela assim e ela disse que eu, sei lá, eu parecia gostar muito. Ela disse que me via cursando Biologia e eu resolvi tentar e meio que estamos aí.

L: E em relação à essas motivações que tu falou “ah que tua família te disse que era isso que era tua cara” e tudo o mais, tu acha que as motivações que te fizeram escolher e entrar na Biologia se mantém ainda hoje? É isso que ainda te faz permanecer no curso?

E: Eu acho que sim, mas não completamente é o que me faz permanecer no curso. Acho que eu fui criando outras coisas e vendo que é muito diferente. Aquilo que eu tinha ideia era muito superficial e na verdade o que me deixa com vontade de seguir no curso é justamente o que a gente vê aqui dentro, sabe? E toda a criação de um pensamento bem maravilhoso assim em relação ao ambiente, que antes era mais uma coisa assim: gosto de animais, de plantas, gosto da natureza. E eu acho que com todo mundo é assim, mas tu entra aqui e ve que é uma coisa muito mais ampla, né?

L: Com certeza. Tu amadurece muito aqui dentro. E quais as maiores dificuldades que tu encontra para estar dentro da faculdade e as dificuldades dentro do curso de Biologia especificamente?

E: Ba, essa é bem difícil, né? Humm, eu não sei..ã..no curso talvez seja essa cobrança, uma coisa meio competição entre os alunos seja a maior dificuldade, porque eu sou muito influenciável psicologicamente. Então eu to sempre muito atucanado, eu não consigo ficar de boa com isso. Mas assim, algo do curso específico eu não sei, porque talvez todas as faculdades sejam assim, sabe? Todos os cursos sofram a mesma coisa. Mas com a universidade em si, eu acho que é uma dependência que tu acaba criando, que tu acha que a faculdade tem que te dar tudo. Na verdade ela diz que é assim, sei lá, aí tu acaba dependendo para qualquer coisa, desde que seja um almoço, até a passagem que tu vai receber, sabe? E na UFRGS não funciona muito bem, né? Então acaba sendo uma dificuldade.

L: Sim. Então em relação a isso que tu falou, a essas dificuldades tanto na bio, quanto em relação à UFRGS em si, que que tu acha que poderia ser feito? Que retorno poderia ser dado para melhorar isso?

E: Retorno, humm...Não sei, talvez conversar mais com esses alunos, não só fazer um questionário de avaliação das cadeiras no final do semestre. Eu acho que isso não é suficiente,

porque eu acho que não é só isso que conta dentro de uma universidade, sabe? Faltam perguntas ali, não só a avaliação de uma cadeira. Talvez uma avaliação de tudo, como tá a infraestrutura, como que esses serviços são oferecidos, não sei. Meio que pensei na hora agora.

L: Mas tá ótimo, acho que super seria uma coisa importante. E daqui pra frente quais são as tuas perspectivas no curso? Como tu vê, o que tu pretende fazer?

E: Então, ã, eu ainda não sei na verdade, porque eu entrei pensando uma coisa. Tu entra aqui e vê que é completamente diferente, né? E eu entrei meio que querendo bacharel, porque eu não queria ser professor, mas agora eu acho que eu quero ser professor, sabe?

L: Por que? O que te fez mudar, o que te fez querer ser professor?

E: Eu acho que eu comecei a me envolver com pessoas que são da licenciatura e eu vi que tu acaba criando um pensamento diferente das pessoas do bacharel, sabe? Essa coisa de passar uma informação de uma maneira bem mais simples pras pessoas poderem entender e eu não tenho isso, sabe? E eu acho lindo! Eu acho que educação ambiental é tudo, sabe? Ter que ensinar aquelas criancinhas ou adolescentes o que na verdade eu não tive na escola, sabe?

L: Sim, então tu acha que essa tua defasagem é o que te influencia a hoje querer fazer essa diferença assim?

E: Total.

L: Uma última pergunta então. Alguma vez tu já pensou em desistir do curso?

E: Não, nunca pensei. Não foi pensar em desistir, foi meio pensar em “que que eu to fazendo aqui?”, sabe? Pra essa questão do futuro mesmo, mas não pensei em mudar, só tava me questionando assim “que que eu to fazendo aqui?” Acho que é isso.

7.4.3. Entrevista 3:

Luana: Então, como era o ensino da tua escola, ele era voltado para passar em vestibulares e ENEM?

Estudante 3: Acho que se tornou mais no ensino médio. Tinha alguns professores que acreditavam, que realmente queriam te ajudar, que realmente demonstravam interesse e que procuravam bastantes exercícios e coisas voltadas para a universidade. Mas a grande maioria não se importava mesmo, sei lá ... acho que não acreditavam, eu acho que não acreditavam por falta de incentivo da própria escola.

L: Escola pública?

E: Escola pública!

L: Tu conseguiu passar direto na UFRGS ou teve que prestar mais de um vestibular?

E: Prestei vestibular para Medicina primeiro, mas fazia um cursinho particular, estudava de manhã, trabalhava à tarde e pagava o cursinho a noite. Queria passar em medicina, não era voltado para medicina mas era um bom cursinho particular. É muito difícil...é muito difícil, eu não conseguia tempo para estudar, então acabei não passando. No ano seguinte eu não tinha dinheiro, não tinha como trabalhar, tinha acabado o ensino médio e então fiz cursinho popular, na metade do ano percebi que Medicina era impossível de novo, por conta de muita matéria e falta de tempo. E aí a Biologia era a segunda opção e decidi fazer Biologia.

L: Como conheceu este cursinho popular que tu fez?

E: Eu tinha uma colega do ensino médio que fazia um outro cursinho e aí abriu as vagas num cursinho aqui no vale, o PEAC, e ela me falou e eu super me interessei pois não tinha como pagar um cursinho e então me inscrevi e aí rolou.

L: Como foi tua trajetória durante esse ano que tu fez esse cursinho? Como era esse espaço? Diferente do cursinho particular que tu fez antes?

E: Ah, incrível! Porque tu tá dentro de uma universidade já, se sente um aluno mesmo não sendo, então eu utilizei tudo que a universidade podia me oferecer no momento mesmo não sendo aluno. Eu usava as bibliotecas pra estudar. Muitos professores faziam grupo de estudo pelo campus mesmo, que é lindo aqui. Enfim, durante esse ano de cursinho eu também fiz outro cursinho popular, que foi o POP, que é da prefeitura. Como eu queria Medicina, precisava de todas as formas de estudar, estudar e estudar. Todos os cursinhos populares que abriam vaga, eu me inscrevia. E aí eu consegui dois, mas eu só pude manter os dois até metade do ano, porque depois eu não tinha passagem pra ir pros dois, então tive que escolher um só.

L: E tu escolheu o PEAC?

E: Escolhi o PEAC.

L: E em relação aos professores, a preocupação, tu sentiu alguma diferença no curso popular quando comparado com o particular?

E: Sim, com certeza. Eu me sentia muito mais a vontade pelo fato de ser muitos deles alunos e te deixavam muito mais tranquilos. Um contato bem mais próximo. Eles passavam toda a visão que tinham da universidade e muitas vezes te mostravam coisas que as vezes nem eram tão boas pra te deixar ciente de tudo. Enfim, foi muito divertido. Também eram pessoas bem mais jovens e tinham um contato bem mais próximo. Foi muito interessante.

L: E tu acha que teve alguma influência na tua escolha ou tu sempre teve como segunda opção a Biologia?

E: Sempre foi segunda opção, mas com certeza no cursinho eu tive maior influência possível. Os melhores professores eram da Biologia e quando surgiu essa dúvida assim, eu fui conversar com uma das professoras que dava Biologia. Fui conversar com dois professores que davam Biologia e, enfim, eles me mostraram todas as coisas boas do curso, mas realmente a aula deles era fantástica. Não tinha como não me apaixonar.

L: Foi isso que te confirmou então?

E: Sim!

L: E antes como era tua segunda opção, o que te influenciou, o que te fez ter a Biologia como segunda opção?

E: Boa pergunta. Não sei. ã, eu sempre gostei muito do corpo, sabe? Humano. Sempre me instigou muito isso, assim. Medicina sempre foi isso. Sempre quis trabalhar com corpo, sempre quis trabalhar com humano. E a Biologia, eu achava que, embora não seja tão especificamente o corpo humano exatamente e, enfim...

L: A proximidade?

E: É, a proximidade e eu vi, eu vejo a biologia como não só o corpo, mas diversas outras coisas que envolvem, então acabou me interessando bastante.

L: E em relação à essas motivações que tu acabou de falar, tu acha que elas se mantêm as mesmas hoje em dia? É isso que ainda te faz permanecer no curso ou tu acha que descobriu outras motivações?

E: Então, aflorou coisas que, que eu meio que tinha certeza que era o que eu queria, mas tá sendo incrível conhecer outras áreas, outros campos da Biologia, que eu não esperava e achei que realmente não gostava, mas eu percebi que eu gostei. E se confirmou o que eu já queria, a área que eu quero, mas também é incrível conhecer essas outras áreas.

L: Quais as dificuldades tu encontra pra estar dentro da faculdade e dentro do curso de Biologia especificamente?

E: Os horários. A todo momento parece que a universidade não te quer aqui, por tu não ter grana, não sei. A minha maior dificuldade agora é não poder trabalhar, sabe? Tem dias que eu não tenho como vir pra faculdade. Eu preciso que pedir dinheiro pra família, pra diversas pessoas pra que eu possa vir pra faculdade. Então, o mais difícil agora, durante todo esse curso, tem sido me manter aqui, poder vir pras aulas

L: Tu recebe algum apoio?

E: Eu recebo auxílio, mas são três campus e te dão 50 passagens, que dá pra metade do mês e o resto tu tem que te virar. Eu tenho bolsa de iniciação também, mas é mísera e aí tem que complementar as passagens, tenho que me alimentar quando não tem RU. Enfim, tem outros gasto, né?

L: Teus pais te dão um certo auxílio?

E: Só é minha mãe. Minha mãe me dá um auxílio mínimo assim, porque ela já ganha o mínimo, então...não tem como ela me...enfim, ela é a única pessoa mais próxima que me apoia assim.

L: É bem isso que tu falou. O curso da Bio tem aula em campus diferentes. Então pra ti tu acha que essa é a maior dificuldade?

E: Sim, essa é a minha maior dificuldade.

L: E a carga horária também?

E: É, isso com certeza também.

L: Então, justamente à essas dificuldades que tu acabou de falar, o que tu acha poderia ser feito pra melhorar elas?

E: Bom, seria ótimo se tivesse um campus só. Se fosse um turno só. E, que as cadeiras fossem um pouco mais flexíveis também. Porque as vezes elas te cobram tanto que tu fica preso a isso. Eu me sinto bem sobrecarregado as vezes com as cadeiras que realmente gosto também.

L: E em relação ao auxílio tu acha que deveria aumentar?

E: Sim, com certeza. Deveria ser proporcional. Se eu vou fazer aula em três campus, que fosse proporcional a esses três campus. Eu gasto também com deslocamento, porque se eu tenho uma bolsa aqui vale e eu tenho que me deslocar pra outro campus e depois voltar pra cá pra ter aula é muita coisa. Mesmo a bolsa, tu não recebe passagem pra ela. Então tu gasta também com isso.

L: Em relação ao futuro, quais são tuas perspectivas?

E: Eu quero me formar logo e eu tenho medo também do futuro do biólogo. Não sei como vai ser. Eu faço bacharel e me arrependo de não ter feito licenciatura, porque é ruim pensar que ser professor é uma forma de escape, mas, infelizmente, eu não sei agora o que fazer. Meus

planos são começar a fazer concurso desde já e quem sabe, quando me formar ter um emprego pelo menos. Não pretendo engatar um mestrado, porque eu vejo isso agora, a educação como algo muito incerto, então eu tenho medo de terminar meu doutorado ou sei lá, meu pósdoc e tá desempregado e não ter mais o que fazer. Então os planos são tentar concurso agora, mesmo sabendo a situação que tá também. Enfim, eu gosto muito da academia. São muitas possibilidades, mas tentar uma licenciatura também, um reingresso.

7.4.4. Entrevista 4:

Luana: Então, como era o ensino na tua escola? Ele era mais voltado pra vestibulares e ENEM?

Estudante 4: Sim, ele era bem voltado. Eu estudei em uma escola particular e é um dos colégios mais caros de Porto Alegre. Acho importante dizer isso. Então tinha uma cobrança bem forte. Inclusive principalmente no 3º ano. Então os professores davam essas aulas bem voltadas pro vestibular, principalmente, e o ENEM em segundo lugar.

L: E tu acha que por ele tu conseguiu passar de primeira na UFRGS?

E: Eu passei de primeira na UFRGS, só que eu fiz cursinho durante meu 3º ano. Enquanto tinha aula de manhã no colégio, eu fiz as aulas de tarde.

L: E foi o ano inteiro?

E: Não, acho que foram 6 meses, talvez.

L: Mas tu acha que só com o ensino da tua escola tu conseguiria passar ou tu precisava desses 6 meses de cursinho?

E: Não, eu acho que eu teria conseguido passar. Talvez precisasse de um esforço a mais, mas era uma questão de pressão e, ã, dos colegas que também faziam lá, sabe? Meio que coisa do colégio.

L: Como tu conheceu esse cursinho que tu fez?

E: Eu tive professores no colégio que também trabalhavam nesse cursinho. Inclusive professores de Bio.

L: E como foi tua trajetória nesses 6 meses de cursinho? Tu acha que ele teve influencia na tua escolha de curso ou tu já entrou nele sabendo que tu queria fazer Biologia?

E: Eu já entrei nele sabendo, mas também os professores que davam aula lá no cursinho e que também me davam aula no colégio era de Bio e eu conheci professores de Bio lá e isso me motivou um pouco mais a fazer o curso, assim.

L: Além disso então, o que ou que pessoas que mais influenciaram na tua escolha da Biologia? Tu acha que foram de fato os professores da escola?

E: É, eu acho que foi a forma de exemplificar uma atuação profissional, assim. A vontade eu acho que já tinha anterior e de questões de família e tal, de vivência, mas eles deram o norte de “tá, realmente eu posso escolher esse curso pra uma graduação”. Então foi isso.

L: Em relação as tuas motivações que tu acabou de falar, tu acha que elas se mantêm as mesmas hoje em dia? É isso que ainda te motiva a terminar o curso?

E: Não, eu acho que eu tive uma visão muito mais idealizada do que seria trabalhar como bióloga. Eu acho que tinha uma noção que a gente podia fazer as coisas de uma forma muito

mais ampla pra melhorar o mundo. Aquela noção de responsabilidade, sabe, social e socioambiental. E acho que foi muito difícil lidar com essa desilusão ao longo do curso. Então agora elas mudaram pra talvez uma coisa mais prática. Eu acho importante o trabalho, eu vejo que talvez o trabalho que eu tenha que fazer seja muito mais de formiguinha e eu me dou conta que eu vou trabalhar em um aspecto pequeno, mas que isso faz parte do todo. E quando eu entrei era justamente o contrário, assim.

L: E quais as dificuldades que tu encontra pra cursar a faculdade e as dificuldades dentro do curso de Biologia, especificamente?

E: Ah, eu acho que na faculdade em geral seja só essa questão dos horários da UFRGS, do tipo, se eu quisesse trabalhar. Eu to fazendo agora o estágio obrigatório, então tá sendo bem complicado de tá tendo que vir até Vale todos os dias. Isso é bem pesado. Então eu sei que se eu quisesse trabalhar, por exemplo, durante toda a graduação, teria sido muito difícil. Então eu acho que esse é o principal empecilho. Mas como eu não sou uma pessoa com muitas dificuldades financeiras, não moro muito longe, acho que é isso. Quanto ao curso, eu acho que é...às vezes eu sinto que as pessoas querem que a gente seja uma enciclopédia ambulante (risos) acho que essa é a melhor forma de dizer.

L: Tu diria então uma grande cobrança de saber todas as áreas da Biologia e decorar?

E: É, eu acho que principalmente isso, assim. Uma necessidade de saber muitos conceitos e muitos nomes e de tá sempre sabendo coisas, que pra mim como pessoa, às vezes não é muito fácil. Eu entendo muito mais o processo e às vezes ficar com uma listagem de nomes não é muito fácil pra mim assim.

L: Em relação a essas dificuldades que tu acabou de falar, o que tu acha que poderia ser feito pra melhorar elas?

E: Eu acho que quanto aos horários a COMGRAD já tá se posicionando quanto a isso, né? Acho que não tem muito como mudar. Mas talvez, eu acho que é uma questão de mudança de postura dos professores, assim. Talvez tenha mais uma dificuldade que é muito importante, foi muito importante pra mim e ainda é, que eu acho que chama de Síndrome do Impostor. Eu sempre sinto que eu não sei as coisas, eu tenho isso desde que eu entrei e eu entrei em uma posição muito boa no vestibular e mesmo assim eu já tava achando que era tudo uma mentira, mas enfim. Eu passo em todas as cadeiras e com notas boas, mas às vezes eu sinto que eu sei menos que colegas meus que passaram com C ou com D e tiveram que repetir as cadeiras. Então eu deixo de falar em sala de aula ou eu deixo de ter experiências fora porque eu não acredito que eu saiba ou que eu tenho o conhecimento que é exigido. E quando, em sala de aula, os professores pedem e perguntam “como é que vocês não sabem?” é um negócio que me derruba muito, assim. Eu fico mal. E eu acho que isso vem da postura dos professores, sabe? De uma outra forma de cobrar o conteúdo e de conversar um pouco mais em sala de aula do que cobrar toda essa quantidade de coisas. Porque talvez até a quantidade de coisas seja tudo bem cobrar essa quantidade de conceitos, mas talvez tenha que ter outra forma de ter certeza que o aluno realmente entendeu aquilo ali. Na hora de falar em sala de aula, a gente tem muito medo de errar, de “ai meu deus, falei alguma coisa errada, o professor vai me olhar”. A gente é bem mais sensível do tipo “ah professor me olhou mal, já não to bem”. E além disso, o professor também tem uma postura do tipo “não, mas eu falei, no momento que eu falei, minha responsabilidade eu já cumpri”. Ele não vai verificar se tu entendeu o que ele

disse, se tu lembra o que ele disse, sabe? Se tu tem outras questões pra explorar. E eu acho que a gente fica muito querendo, não sei, acho que nossa geração cobra muito a didática do professor, mas também não gosta de se expor. Isso é uma coisa muito importante, assim. Então nessas horas em que a gente tem que se expor, ba, eu vejo turmas em que a galera não fala nada. E às vezes não é nem que não saiba, às vezes é porque não consegue lidar com a questão de tipo “eu tenho que passar e tem que ser perfeito ou não é”.

L: Mas tu não acha que isso é muito da postura dos professores em sala de aula? Tem professores que dão mais abertura e professores que não. Então talvez os alunos não se sintam a vontade de participar.

E: Sim, certamente. Eu acho que, não vejo como uma má vontade do professor muitas vezes. Acho que alguns até são. Mas quando eu olho professores até mais novos, eu acho que é muito uma questão de geração sabe? Eles ainda são de uma geração que se acostumou com uma aula que as pessoas eram mais velhas, as pessoas entravam com uma idade mais avançada na faculdade, não era 17 anos recém saído do terceiro ano do colégio. Então meio que tem mais autonomia de dizer “tá, então eu vou buscar, eu vou tudo”. A minha postura de aluna em sala de aula é dizer “me mostra, me cativa, traz pra mim”. Às vezes o professor não sabe fazer isso. Ele quer te dizer “ah, tá aí, te dei bibliografia, procura e se tu não entender, tu pede pro monitor”. Ele também não se dispõem. A gente teria que achar alguma forma de mudar o tratamento dentro de sala de aula. De o professor olhar mais no teu olho e dizer “tu entendeu? tu não entendeu?”. Mesmo em uma turma grande, porque não tem como diminuir o número de pessoas também. Enfim.

L: E como são tuas perspectivas pra daqui um tempo no curso? O que tu imagina, como tu te vê...

E: É, eu tive uma mudança relativamente grande de perspectiva porque eu sai da licenciatura e fui pro bacharel. Acho que uma das minhas dificuldades de estar na licenciatura era justamente o fato de que eu não acredito no meu conhecimento. A faculdade não me ajudou nisso. Então eu não tinha segurança pra entrar em uma sala de aula e ainda não tenho. Eu gostaria de dar aula no PEAC, por exemplo, ou em qualquer cursinho e eu acho que eu não fiz isso antes, porque eu não achava que eu conseguia. Não acho que eu consigo, porque, enfim. Mas eu mudei pro bacharel e eu penso em fazer mestrado. Penso em seguir essa área. Eu passei 1 ano fora pelo Ciências sem Fronteiras e isso, passar 1 ano fora da UFRGS me fez querer voltar pra UFRGS e isso foi importante “essas férias” de certa forma, mesmo que tenham sido acadêmicas. Então é fazer mestrado, mas também não trabalhar só com a Bio, assim. Eu penso em conseguir fazer atividades paralelas, com o desenho por exemplo, em produção de material didático. Juntar uma questão artística junto com a Bio, pra tentar fazer outras produções de material.

7.5.ANEXO 5 - Transcrição das respostas dos estudantes quanto às suas motivações e dificuldades para cursar Ciências Biológicas

7.5.1. Respostas dadas pelos estudantes da turma Anatomia Vegetal quanto às suas motivações:

- não informado (2)
- obter conhecimento, interesse pela área
- gosto pela área
- adquirir conhecimentos para aplicar no melhoramento da qualidade de vida dos seres vivos
- gosto pela área, influência das aulas do ensino médio
- interesse pela área da saúde, compreensão científica da natureza
- cursou veterinária e teve maior interesse pelas cadeiras de bio e pediu transferência interna
- amor pela natureza e interações entre os organismos
- amor pela natureza
- paixão pela descoberta
- interesse pela área, futuramente ajudar a diminuir o impacto causado
- prazer em estudar, curiosidade de entender a natureza
- admiração pela carreira científica, interesse pela área, divulgação científica
- interesse pela área que surgiu no cursinho
- interesse pela área
- despreocupação governamental com meio ambiente motivou a trabalhar com conservação ambiental
- interesse pela área, desejo de ser biólogo forense
- interesse pela área
- amor pela natureza, envolvimento com questões ambientais
- interesse pela natureza, curso muito amplo
- ampla área de conhecimento científico, preservação ambiental
- desde sempre gosto pela área
- amplitude de conhecimentos que o curso abrange
- experiência na área (laboratório)
- matéria que mais gostava na escola
- fascinação pelo estudo de como a vida funciona
- curso muito abrangente

7.5.2. Respostas dadas pelos estudantes da turma Anatomia Vegetal quanto às suas dificuldades:

- não informado (3)
- dificuldade de acompanhar as matérias, por ser muita coisa; por ser mais velha
- dificuldade de relacionamento com pessoas mais novas
- gastos com transporte público
- descolamento, horários das aulas
- adaptação, locomoção
- excesso de cadeiras obrigatórias que não se relacionam com o estudo que idealizava (expectativa do curso)
- horários muito separados das cadeiras
- nenhuma dificuldade
- locomoção
- horários, professores que não ouvem os alunos
- falta de preparação em algumas cadeiras como química e física
- administrar o tempo de estudo
- disciplina para estudar, descaso da instituição com o ensino da matéria
- péssima didática de algumas cadeiras
- falta de conhecimento prévio de alguns assuntos, tempo de estudo, falta de motivação para assistir algumas aulas
- até o momento nenhuma
- muitas cadeiras
- não encontrei muitas, mas sou uma exceção privilegiada
- muitas cadeiras que não são da área de interesse próprio
- locomoção
- excesso de cadeiras e créditos obrigatórios
- tempo gasto com deslocamento
- número de cadeiras por semestre
- muito conteúdo, conciliar os estudos
- dinheiro
- necessidade de frequência

7.5.3. Respostas dadas pelos estudantes da turma Sistemática III quanto às suas motivações:

- aproximação com conhecimento científico, compreender evolução dos seres vivos
- objetos de estudo fascinantes, ampla área de atuação
- contato com a pesquisa, várias áreas de atuação
- pai biólogo, interesse pela área
- encanto no cursinho pelo conteúdo, amor por botânica
- amplas áreas de atuação e estudo, respeito e contribuição com o planeta, vontade de entender o meio que estamos

- ciência e método científico sempre encantaram
- compreender a vida, descobrir respostas para questões existenciais
- possibilidade de lecionar sobre todas as formas de vida
- segunda opção de curso, como não deu na primeira, foi na bio
- curiosidade, conhecimento, conservação
- professor de cursinho que motivou
- saber como as coisas funcionam, sempre gostar de animais
- interesse em seguir carreira na pesquisa, curso com ampla variedade de conteúdos
- entender o funcionamento da natureza
- interesse por botânica e conservação ambiental
- curiosidade pela ciência, afeição pela natureza
- por assistir vídeos e documentários sobre o assunto
- sanar dúvidas diversas sobre natureza e universo, conhecer diversas formas de vida, entender mecanismos da natureza
- gostar muito de botânica
- estudar a vida em todas as suas formas, entender como as coisas funcionam
- curiosidade, aprender coisas sobre a vida
- paixão pelo assunto desde infância, curiosidade pela ciência dos seres vivos, facilidade no aprendizado da matéria
- contato e interesse desde sempre com a natureza e tudo ligado a vida
- gosto pela área
- influência do pai biólogo
- gostar da área, ser professor
- contato com campo desde sempre, interesse em entender a natureza e fenômenos em geral
- interesse desde sempre na área
- escoteira, gostar de entender e trabalhar com a natureza
- ampla área de trabalho
- paixão e curiosidade pelo assunto
- desde sempre amar lidar com animais e entender seus comportamentos
- interesse por ler coisas sobre evolução e aulas com microscopia na escola
- paixão pela natureza, influência das aulas do cursinho
- profissão muito importante atualmente, percepção muito diferente de quando entrou

7.5.4. Respostas dadas pelos estudantes da turma Sistemática III quanto às suas dificuldades:

- não informado (1)
- falta de patrocínio para realizar atividades no exterior, forte decoreba nas cadeiras (conhecimento temporário)
- conflito de horários, conteúdos e trabalhos excessivos ou pesados (prova única)
- muitas cadeiras por semestre
- horários das cadeiras, pré-requisitos das cadeiras

- muitos créditos obrigatórios, diversidade de áreas, o que impede que se consiga estudar suficientemente para uma de interesse
- conciliar aulas/provas com campos (por mim todas as aulas seriam em campo, que se aprende muito mais)
- disciplinas que exigem decoreba
- falta de tempo, excesso de trabalho em algumas cadeiras
- currículo da licenciatura com quantidade desnecessária de cadeiras
- horários e carga de algumas cadeiras
- bio exige muita memória, depender dos auxílios e da bolsa para locomoção
- muita decoreba e as vezes cálculos
- alguns professores que parecem ter orgulho em ter a cadeira que "ferra" os alunos, como as de botânica
- horários de algumas cadeiras, pois depende de transporte público
- pressão acadêmica, avaliações muito difíceis e sem muita funcionalidade
- carga horária do curso
- pressão acadêmica, complexidade de alguns assuntos que não domino
- pouca valorização do aluno autodidata, cadeiras com pouco material de apoio, o que faz com que os alunos tenham que ir nas aulas, excesso de cadeiras de botânica, professores com informações desatualizadas
- ter tempo para administrar bem e de forma produtiva os conteúdos, ter tempo para outras atividades não acadêmicas
- cumprir cadeiras obrigatórias no período certo, acompanhar determinados tipos de avaliação
- sobrecarga curricular, aula monótonas, falta de interesse dos professores em instigar os alunos
- muita cobrança, falta de tempo
- morar longe do campus, cansaço, muitas atividades ao longo da semana
- falta de apoio psicológico de um profissional, disciplinas que priorizam decoreba
- avaliações que cobram decoreba e não aprendizado real
- metodologia ultrapassada dos professores
- tempo, decoreba, métodos avaliativos ruins, professores fechados para conversa
- morar longe, tempo perdido com locomoção
- dificuldade de atenção, decoreba (sistemática), pouca parte comportamental
- muitas cadeiras em um semestre, didática ruim dos professores, provas que não condizem com as aulas
- carga horária conflitante com cadeiras atrasadas, didática ruim dos professores, métodos avaliativos
- dedicar todo o tempo para academia, sem tempo de realizar outras atividades não acadêmicas
- horário das aulas, impossível estagiar fora
- poucos professores com didática adequada
- dificuldades financeiras, pressão acadêmica, morar longe da família

7.5.5. Respostas dadas pelos estudantes da turma Zoologia de Chordata I quanto às suas motivações:

- experiência, gosto, cursei biotecnologia antes
- trabalhar na área ambiental
- trabalhar na área de perícia criminal
- conhecer variedade de organismos vivos
- dúvida de qual curso, mas maior conhecimento em bio e ampla área de atuação
- pesquisa científica, ser professor universitário, estudar áreas que gosto
- estilo de vida dos biólogos
- buscar conhecimento sobre o que nos cerca
- não faria outra coisa, curso que estuda a vida e todas suas formas
- pesquisa e afinidade com área de atuação
- conhecimento e possibilidade de pesquisa
- descontentamento com o antigo curso (farmácia), já ter conhecimentos na área
- áreas de atuação
- paixão por botânica e zoologia, gostar de estudar o método científico, afinidade com gastronomia
- interesse desde a época da escola
- área específica que pretendo seguir após formada
- relação com a natureza e organismos vivos
- manejo biosustentável de ecossistemas e preservação de áreas ameaçadas
- professores do ensino médio, maior número de coisas interessantes em um curso
- animais, vida, natureza
- sempre gostar de ciências

7.5.6. Respostas dadas pelos estudantes da turma Zoologia de Chordata I quanto às suas dificuldades:

- não informado (1)
- avaliações muito difíceis, sobrecarga de atividades acadêmicas
- bolsa por valor baixo, muito conteúdo, muita exigência, falta de tempo
- disciplinas de botânica, quantidade de cadeiras obrigatórias da licenciatura
- muitas cadeiras obrigatórias, cadeiras em campus diferentes
- pouco tempo para atividades não acadêmicas e estudos
- professores com didática ultrapassada
- horários do curso, que impossibilita ter emprego
- horário do curso, que impossibilita ter outras atividades/estágio, pouco tempo para as próprias atividades acadêmicas
- carga horária excessiva
- identificação com cadeiras de áreas que não é do interesse
- identificação com as cadeiras, aprender o conteúdo
- má vontade de alguns professores, aulas arcaicas, muitas cadeiras

- muitas cadeiras, poucos professores que motivam o interesse
- horários das cadeiras que dificultam trabalho de 40 horas semanais
- turno das aulas, que são a tarde
- como algumas cadeiras são ministradas
- carga horária semanal
- falta de didática dos professores, pouco incentivo para continuar no curso, desvalorização profissional
- desorganização
- conciliar cadeiras obrigatórias com IC

7.5.7. Respostas dadas pelos estudantes da turma Evolução Biológica quanto às suas motivações:

- sempre quis ser professor, contribuir para a vida das pessoas
- curiosidade quanto a vida, gosto por pesquisa
- gostar das aulas de biologia no ensino médio, proximidade com a natureza, causa ambiental
- incentivo da professora do ensino médio, contato mais direto com o assunto na escola
- curiosidade com a vida e suas diferentes formas
- interesse pela área, levar para fora da academia preocupações relacionadas com a causa ambiental
- interesse na área desde sempre, testes vocacionais indicaram
- conhecer e estudar diversidade biológica, foco na genética
- trabalhar com genética e evolução
- possibilidade de trabalhar na natureza, documentários sobre comportamento animal
- paixão pelo conhecimento e ciências, vontade de fazer diferente, preocupações ambientais, relevância acadêmica
- compreensão dos fenômenos naturais e belezas em todas as formas de vida
- sonho de ser cientista, estímulo de familiares, vontade de trabalhar na área, gostar da matéria escolar
- afinidade com a área, interface político-social que a atuação na área da educação proporciona
- nascer no interior e ter contato direto com a natureza, curiosidade na área
- áreas de atuação, gosto pela ciência/pesquisa
- proximidade desde sempre com natureza, interesse em comportamento animal
- ampla atuação de trabalho, amor por zoologia
- fascinação pelo mundo que nos cerca
- influência de professores da escola, noção de responsabilidade com o ambiente

7.5.8. Respostas dadas pelos estudantes da turma Evolução Biológica quanto às suas dificuldades:

- ter iniciado sem saber estudar

- excesso de carga horária
- organização do tempo para dar conta de tudo
- falta de tempo
- ser muito complicado trabalhar de carteira assinada durante graduação
- horários do curso, que limitam os alunos as bolsas da ufrgs
- professores mais interessados em serem pesquisadores do que dar boas aulas
- cadeiras do ICBS, que exigem decoreba
- finalizar curso em 4 anos, devido a carga horária
- estresse do cotidiano, pensar como será futuro na profissão
- estresse psicológico, ansiedade
- foco e disciplina nas atividades
- falta de auxílio e compreensão dos professores, acúmulo de atividades, método rígido e tradicional, ensino que prega decoreba
- horários das disciplinas, número de créditos obrigatórios
- falta de esclarecimento em geral
- carga horária, motivação para acompanhar as aulas e estudar o conteúdo como é proposto
- segurança em alguns campus, baixo valor da bolsa
- falta de didática de alguns professores, especificação desnecessária de alguns assuntos
- falta de motivação, excesso de cadeiras nos primeiros semestres, não aprendi direito conceitos básicos de cadeiras iniciais, o que prejudica durante resto do curso

7.5.9. Respostas dadas pelos estudantes da turma Paleontologia Aplicada à Biologia quanto às suas motivações:

- saídas de campo, conexão com a natureza, conhecimento sobre a vida
- entender a vida e nosso corpo, possibilidade de mudar o mundo
- interesse por natureza e ciência, matéria que mais gostava na escola
- interesse pela área, desejo de mudar educação e consciência ambiental pela base
- formada em licenciatura, vontade de complementar com bacharelado
- estudar a vida em geral, seu funcionamento e sua relação com o mundo

7.5.10. Respostas dadas pelos estudantes da turma Paleontologia Aplicada à Biologia quanto às suas dificuldades:

- dependência dos pais devido a falta de rendas alternativas sem ser a bolsa
- saber inglês, paciência para ler muito, decorar muitos conceitos desconectados
- motivação, maioria das vezes estou depressiva
- demanda de tempo, deslocamento, instabilidade psicológica
- as demandas semanais das cadeiras EAD
- horários das disciplinas são muito variados